

" II "

ENCUENTRO
DE GRAMATO
DE MADRID
J #



II ENCONTRO DE
GRAFFITI DE
MARINGÁ



Produzido com verba de Incentivo à Cultura, Lei Municipal 9160/2012
Prêmio Aniceto Matti - Edital 001/2017

Publicado por ocasião do Projeto
II Encontro de Graffiti de Maringá
17.08.2018 - 19.08.2018
Ginásio Valdir Pinheiro | Rua Demétrio Ribeiro
Maringá - Paraná

Coordenação Geral / Curadoria

Marcelo Yukio Goto

Texto

Marcus Vinicius Almeida Machado

Revisão

Meyre A. Barbosa da Silva

Fotos

Alvaro Sasaki

Fotos Adicionais

Karina Y. Yamaguchi Goto, pp. 07, 30, 31, 57, 61, 66, 67, 76, 77, 81, 89

Artistas

8-bitch project, Brejo, Cazé, Drs, Frank Paris, H. Lucatelli, Huggo, Karen
Fidelis, Karine Guerra, Kleverson Mariano, Luwid, Mel Ramoz, Michael Devis,
Mrk, Neto Vetorello, Nuno Skor, Paulo Ito, Rafael Jung, Renans, Rene Meyring,
Rique Sk, Seth e Zion

Colaboradores

Isabella Rizzo Xavier, Marta Sayuri Kakitani, Roberta Stubs Parpinelli e Thiago
Marçal Surmani

Projeto Editorial

Daniel Fuverki Hey
Marcelo Yukio Goto

Diagramação

Daniel Fuverki Hey

O projeto para a realização do **II Encontro de Grafitti de Maringá** nasceu com o intuito de criar uma galeria de arte a céu aberto, promover intercâmbio cultural com oficinas e bate papo, reunindo 22 artistas da cidade e de diversas regiões do país, buscando apresentar diferentes estilos e temáticas. O local escolhido para a realização das pinturas foi o ginásio Valdir Pinheiro, na Vila Olímpica. A decisão foi estratégica, por ser uma área centralizada, com grande fluxo de pessoas, estar próxima ao terminal de ônibus, da Universidade Estadual de Maringá (UEM), além de a Vila atender a diversos eventos esportivos e receber a Feira do Agricultor, facilitando o acesso às artes.





A primeira preocupação dos organizadores foi verificar a previsão do tempo, pois um encontro em dia de chuva traria muitos problemas e, possivelmente, teria que ser adiado. Foi, então, agendado para 17, 18 e 19 de agosto, datas que se mantiveram fiéis às previsões ao proporcionar três dias ensolarados e bastante produtivos. Os primeiros artistas chegaram na sexta-feira, dia programado para a realização da mesa de bate papo com Karine Guerra, Cazé e Neto Vettorello e das oficinas com Karen Fidelis, a Kueia, e Hanna Lucatelli. Esta primeira etapa aconteceu na UEM e foi dividida em dois períodos: na parte da manhã ocorreram as oficinas e, na parte da tarde, houve a mesa de bate papo.

Karen Fidelis realizou sua oficina na parte externa do Bloco 33, utilizando a parede para explicar técnicas e demonstrar o processo de produção de sua arte. Comentou sobre a diferença entre graffiti e pichação e a diferença entre pichação e bomb. A cada explicação, demonstrava na parede para que os participantes compreendessem também na prática. Após a introdução, Karen ensinou traços, sombras e começou a produzir seu desenho, mostrou os passos que cada um deveria seguir para desenvolver suas próprias produções, por exemplo, começando pelo esqueleto. Havia cerca de 15 pessoas na oficina, que, além de aprenderem e tirarem suas dúvidas, tiveram a oportunidade de praticar na parede, utilizando os diversos sprays que foram disponibilizados pela produção do evento.



No Anfiteatro do Bloco i-12, Hanna Lucatelli explicou as técnicas de produção de mural e apresentou detalhes de como funciona o processo de criação de um estêncil. Também comentou sobre o grid e as técnicas de marcações aleatórias, visando mostrar as várias maneiras de se expressar no universo da street art. Após a palestra, todos os participantes foram para a caixa d'água localizada ao lado do Restaurante Universitário, onde puderam colocar em ação todo o conhecimento adquirido, utilizando tintas látex e pincéis.







Durante a tarde, no mesmo anfiteatro do Bloco i-12, aconteceu a mesa de bate-papo, mediada pela professora Roberta Stubs. Após a abertura e apresentação dos convidados, a paulistana Karine Guerra contou um pouco de sua história e seu envolvimento com a arte. Comentou sobre a seletividade e o preconceito em eventos de graffiti e street art em que as organizações chamam poucas mulheres para pintar. Também falou um pouco sobre seu processo de criação e que utiliza um sketchbook para anotar ideias que surgem em seu dia a dia e a auxiliam no momento de criar.

NetoVettorello falou de sua trajetória no graffiti, da conexão com artistas paulistanos e da evolução da cena em Curitiba. Como parte da organização do Street of Styles, explicou sobre a dificuldade de se organizar um evento de grande porte e que, o fato de a maioria dos convidados serem homens, é o alto volume de grafiteiros, porém é um ponto a ser levado a sério, pois um evento com maior espaço para as mulheres é o mínimo que a cena deveria promover. Ele também bateu na tecla da importância da ocupação de espaços, sendo o graffiti autorizado, ou não, e explicou que, quando é realizado um bomb, o intuito do grafiteiro é a demarcação do local. Sobre o processo de criação, após conhecer o Santo Daime,

sua mente abriu e o ajudou a se conectar ao seu eu interior, aumentando seu processo criativo. A música também o inspira na hora de criar.

Cazé também apresentou um pouco de sua história, desde seus primeiros graffitis em sua rua, no Rio de Janeiro, até se arriscar a pintar em outros bairros da cidade. Ele tem como princípio gerar um respiro à pessoa que vê sua arte e não pretende que suas obras sejam somente um “mijada no poste”, ou seja, uma marcação de território apenas. Também abordou o fato de a arte, no Brasil, ser elitista e segregadora, e citou o museu como exemplo, além de apresentar situações que mostram a dificuldade de

ser um artista em território nacional. Seu processo criativo é ligado às cores e escuta música clássica, durante o processo. Criticou a falta de interpretação de algumas pessoas ao verem uma arte na rua e que os eventos de graffiti são, nos dias de hoje, resistência. O mercado do graffiti também foi assunto na mesa e, para Cazé, não é o grafiteiro que dita a regra do mercado, mas sim as pessoas e curadores. Enfatizou que, geralmente, é necessário haver uma validação estrangeira para que determinado artista seja valorizado no Brasil, e que muitos pintam o que é aceito e acabam seguindo esse caminho para ter aceitação do público. Para ele, a arte é desvalorizada e o mercado é carnívoro e egoísta.



No sábado, todos os artistas já haviam chegado em Maringá. Uma semana antes, a parede do Ginásio Valdir Pinheiro foi pintada de preto, e 10 escadas foram alugadas para que os participantes pudessem alcançar todos os espaços reservados. Alguns artistas resolveram produzir juntos, enquanto outros mantiveram a ideia inicial de seus esboços. O trabalho foi intenso, e a única parada foi na hora do almoço, quando as marmitas chegaram. O local é muito movimentado, e centenas de pessoas passaram e pararam para prestigiar, conhecer um pouco mais do processo de criação de cada artista. Alguns até se aproximavam para perguntar sobre alguma curiosidade, e o mais interessante era a diversidade e aceitação dos visitantes. Senhoras com seus netos, pais com seus filhos, adolescentes, casais e até os seguranças tiveram a oportunidade de trocar ideias e de aprender um pouco da arte do graffiti, diretamente da fonte. A imprensa também apareceu para realizar suas matérias.

Os temas escolhidos por cada grafiteiro mostraram ao público a diferença artística de cada um. Enquanto alguns escolheram uma arte que confrontasse situações recorrentes em nosso dia a dia, outros optaram por transmitir algo mais poético

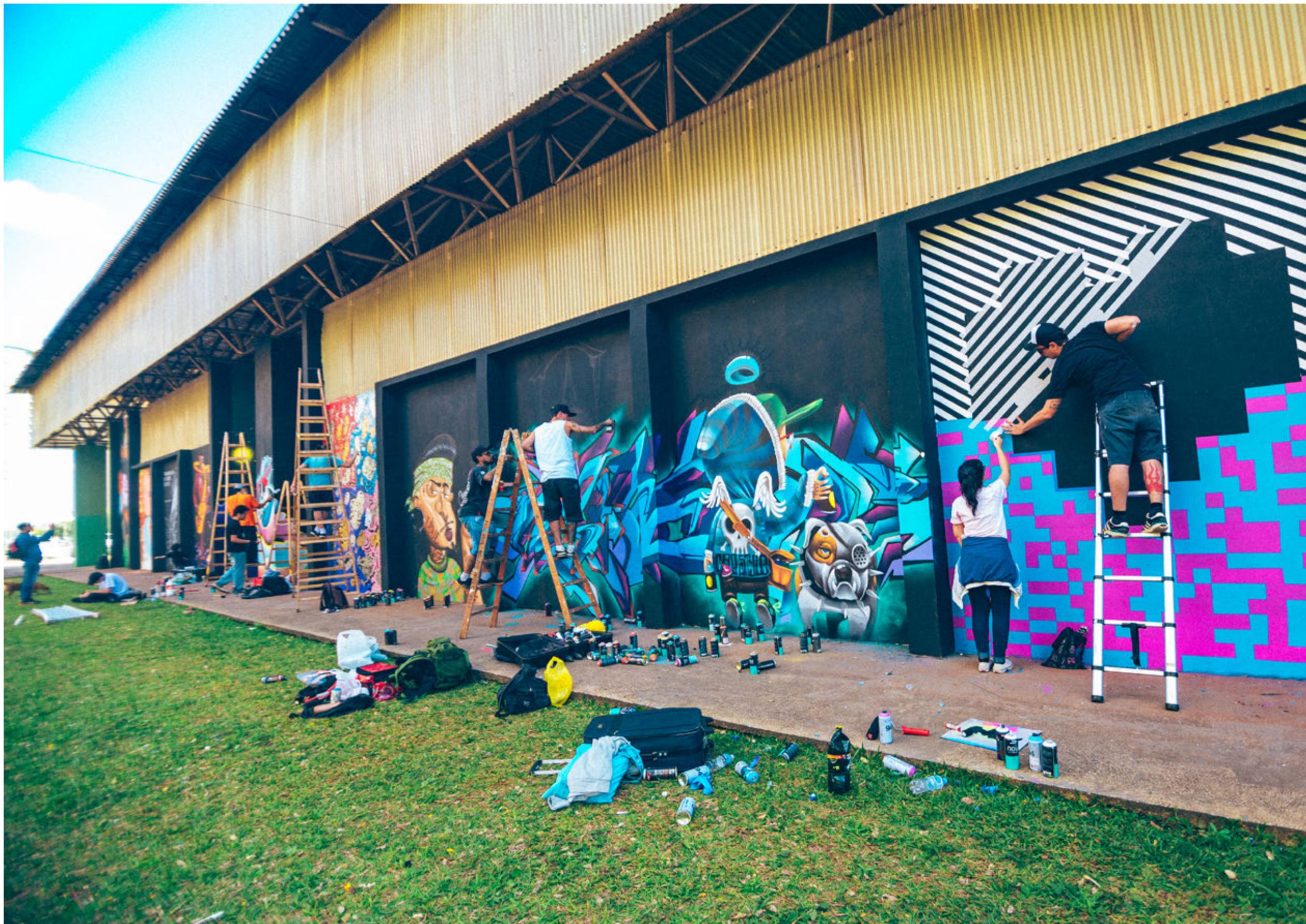
e motivador. Após as 18h, o Sol começou a se esconder, e as escadas foram recolhidas para dentro do ginásio. Todos os artistas voltariam no dia seguinte para terminarem suas obras.

Domingo não foi diferente, a chuva não veio, confirmando a previsão do tempo, e o Sol continuava “estalando”. A cada hora que passava, era nítido que muitos dos artistas aproveitaram o evento para, também, rever amigos, trocar experiências e realizar novos vínculos. O intuito de fazer do local um museu de arte a céu aberto foi se tornando realidade a cada obra finalizada. Aos poucos, os artistas terminavam, despediam-se de todos e iam embora. Alguns pegavam o caminho para o terminal de ônibus, e outros para a rodoviária ou aeroporto.

Após os organizadores recolherem o lixo e guardarem as escadas, o trabalho havia chegado ao fim, ficando apenas o cansaço acumulado durante os três dias. Aos poucos, os artistas foram embora, deixando o local bastante diferente do que era. A organização agradece a todos que ajudaram em cada detalhe do evento e espera que cada pessoa que passe pelo local possa refletir em cada arte e absorver um pouco de cada história deixada na parede do Ginásio.







ARTISTAS

Em uma sexta-feira ensolarada de agosto, que prometia um final de semana sem chuvas, Maringá recebeu pela primeira vez o artista carioca Cazé, que além de trazer roupas e tintas em sua mala, também trouxe a alegria e o bom humor característico do Rio de Janeiro, sua terra natal.

Formado em Design Gráfico e Character Design, este carioca de 31 anos, tem como maior motivação o seu próprio cotidiano e realiza suas criações com base no que sente, vive e experiencia. Atualmente, a música clássica é o que mais o inspira e o faz criar universos confusos e claustrofóbicos, como se o artista estivesse preso em sua própria criação.

Há cerca de dois anos, Cazé elaborou um projeto de pintar 366 barbudinhos - personagem que retrata um homem barbudo em diferentes situações. O intuito era espalha-los pelo Brasil e pelo mundo e, por obra do destino, chegou o momento do barbudo virar músico e tocar suas notas na Cidade Canção.

Quando e como o graffiti entrou em sua vida?

O graffiti entrou na minha vida quando eu tinha 13/14 anos. Alguns amigos no bairro onde eu morava já faziam graffiti e pichavam, comecei a me identificar e a olhar mais a cidade por uma outra perspectiva, tentando decifrar os wild styles e as caligrafias de rua mais complexas. Comecei pintando letras, mas o que me chamou mais a atenção foi o universo dos personagens, podendo criar uma interação, uma história com ele, proporcionando uma interação com o público no dia a dia.

Qual é o seu estilo artístico?

Sigo a linha cartoon com uma estética própria que venho aprimorando e buscando aperfeiçoar.

Quais são suas influências?

Minhas maiores influências, sem dúvida, são os pintores impressionistas e fauvistas, que usam a cor como forma de expressão. No universo do graffiti, Aryz, Inti, Maye, Difuz e Onesto são as minhas principais referências hoje em dia, pois são artistas que trazem uma linguagem extremamente autoral, com narrativas lúdicas e qualidade.

Por que criou o Barbudinho?

Na rua é necessário ter um destaque, se diferenciar. Por exemplo, em São Paulo temos Os Gêmeos com personagens amarelos, o Crânio com personagens azuis e o Onesto com personagens em preto e branco, então tomei esses caras como referências e percebi que não existia um personagem barbudinho. Nesta linha de raciocínio resolvi criar algo inspirado em mim mesmo, na busca por algo autoral e, assim, surgiu o Barbudinho, que me acompanha e representa a minha própria vida. Este personagem já passou por diversas fases desde a sua criação, em 2008.

Quais ferramentas você utiliza para produzir o seu trabalho?

Quando meu trabalho é na rua, utilizo spray e pincel, depende do muro e da situação.

Qual a importância de expor seus trabalhos na rua? Qual público pretende atingir?

A arte de rua nasceu para ser exposta na rua, transformar becos e vielas em grandes galerias de arte a céu aberto, democratizando a arte e a tornando acessível a todas as classes. Esse, ao meu ver, é o meu papel como artista de rua, tentar deixá-la sempre pública.

Desde que começou, qual trampo foi mais marcante?

O trabalho mais marcante para mim, até o momento, foi o mural que deixei em Paris, com um violinista. Sem dúvida foi de extrema importância para minha carreira, pois sempre busquei expandir meu trabalho para outros países e esse mural em Paris sem dúvida foi um marco importante em minha carreira.

Houve alguma situação em que alguma pessoa veio te contar sobre o impacto que sua obra teve na vida dela?

Fico feliz em dizer que foram várias, mas a mais recente foi a de um pai que me procurou e me contou a paixão que o filho dele tem pelo meu trabalho, e como os graffitis que eu faço mexem com ele e o inspiram a imergir no universo da cultura de rua. Foi aniversário dele recentemente e ele me pediu que eu pintasse uma tela e gravasse um vídeo motivando seu filho a seguir o seu sonho. Isso sem dúvida foi uma grande lição de vida pra mim, um amor de pai pra filho. Fiquei muito feliz!

Indique um livro e um filme que te marcou e conte um pouco sobre o motivo de ter sido tão marcante.

Sem dúvida a revista Graffiti foi um marco pra mim, pude acompanhar os graffitis do Brasil todo, a parte do sketchbook era a que eu mais pirava!

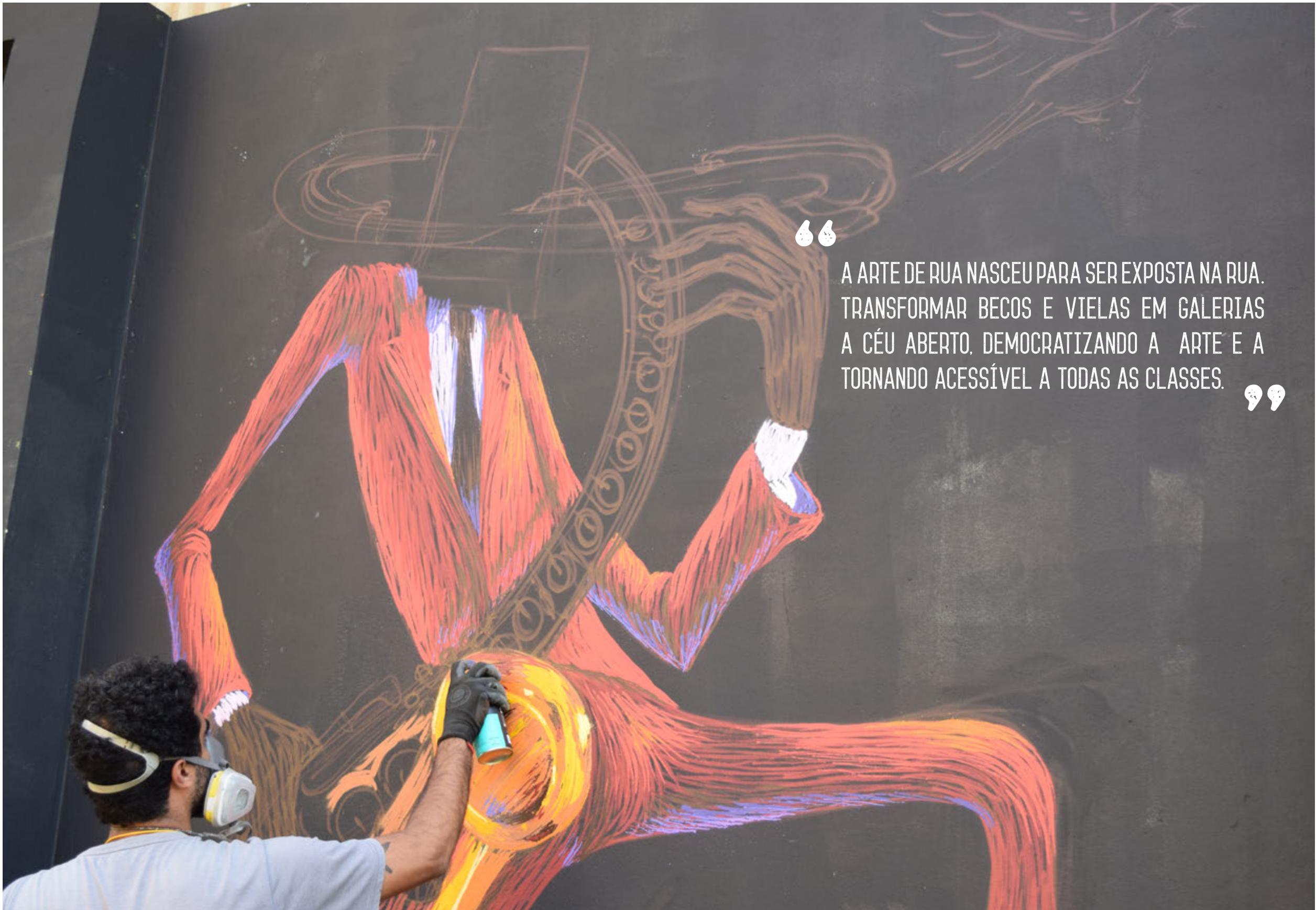
De livro tem um que se chama Sketchbook, não é de graffiti mas tem grandes nomes que eu admiro muito, que são o Onesto e o Titi Freak.

A série Sampa Graffiti sem dúvidas me marcou e o acervo de gravações feitas pelo grupo Flesh Beck Crew.

Na sua opinião, qual é a importância deste encontro para a sociedade maringaense?

A importância desse encontro é a possibilidade de mostrarmos à população diferentes estilos e linguagens, instruindo e democratizando, de forma pública e direta, como tem que ser. Se possível, sem censura, o que é difícil hoje em dia.





A ARTE DE RUA NASCEU PARA SER EXPOSTA NA RUA. TRANSFORMAR BECOS E VIELAS EM GALERIAS A CÉU ABERTO, DEMOCRATIZANDO A ARTE E A TORNANDO ACESSÍVEL A TODAS AS CLASSES.



DRS

DRS nasceu em Itaúna, sul do Paraná, mas mora em Maringá há muito tempo. Sua motivação para desenhar está ligada aos momentos de felicidade e, quando está numa fase boa, procura desenhar suas letras no papel, antes de lançá-las nas paredes da cidade. Começou a desenhar quando ainda era criança e entrou no mundo da arte de rua há 14 anos, após comprar uma revista de graffiti, em uma banca de jornal. Hoje, com 27 anos, ele mantém a mesma disposição do início e continua deixando seu nome pelas paredes da região.

Qual é o seu estilo artístico?

Faço letras (bomb) e, às vezes, pessoas.

Quais são suas influências?

Tenho algumas influências: Binho, Does, Shock, Graphis. São os que me lembro. Aprendi sozinho, vendo as revistas, porque aqui em Maringá não tinha quase ninguém que fazia graffiti.

Quais ferramentas você utiliza para produzir o seu trabalho?

Uso spray, látex e rolinho, mas gosto mesmo é de usar bastante látex e canetas.

Qual a importância de expor seus trabalhos na rua? Qual público pretende atingir?

Eu sempre gostei de expor meus trabalhos no anonimato, eu fazia vários tramos e nunca me identificava. Fazia e já ia embora. Meu público alvo são todas as pessoas.

Qual tipo de reflexão você deseja gerar nas pessoas por meio da sua arte?

Surpresa e curiosidade de saber quem fez o trabalho.

Desde que começou, qual trampo foi mais marcante?

Não tenho o mais marcante. Todos deixaram saudades.

Na sua opinião, qual é a importância deste encontro para a sociedade maringaense?

Esse evento é importante para as pessoas terem mais contato com os artistas e poderem tirar suas dúvidas sobre graffiti.



H. LUCATELLI

Hanna Lucatelli tem 28 anos, mora em São Paulo e desenha mulheres, buscando exaltá-las como deusas. Sua arte também vem acompanhada de mensagens escritas, que buscam refletir amor e luz para quem as vê. Ela acredita que o amor é a única salvação, e sua inspiração vem de mulheres com as quais se identifica. Para realizar sua arte, utiliza tinta, caneta, rolo, pincel e régua.

Qual é a sua formação acadêmica?

Ensino Superior - Design de Moda.

Como e quando a street art entrou em sua vida?

Como espectadora, desde criança; como artista, no comecinho de 2017. Foi quando pintei a primeira vez na rua e entendi o poder de diálogo que esse espaço tem.

Qual é o seu estilo artístico?

Não sei bem definir, nem gostaria de definir. Tento combinar vários estilos e gosto de ficar livre para usar linguagens diferentes em cada trabalho.

Quais são suas influências?

Tudo, absolutamente tudo, mas, principalmente, livros que estou lendo no momento da pintura.

Quais são as suas maiores motivações para criar seu trabalho?

As mulheres, o amor, a política, o afeto e as relações.

Qual a importância de expor seus trabalhos na rua? Qual público pretende atingir?

Na rua não preciso passar por aprovação de certas pessoa para expor, pois é uma galeria aberta. Além disso, o público dos museus e das galerias é de pessoas que já dialogam com a arte, que já entendem a importância dela e investem seu tempo livre e dinheiro em arte. Nesses ambientes, eu dialogaria com pessoas que já pensam mais parecido

comigo. Quero gerar diálogo com quem pensa totalmente diferente de mim, quero plantar uma semente em cada esquina para uma transformação futura. E, falando de forma mais espiritualista, a rua tem uma energia muito forte masculina, e se faz necessário, especialmente neste momento, que tenham mais mulheres pintando nas ruas um trabalho bem feminino para equilibrar essa energia. Fora isso, a rua, historicamente, não é um território da mulher, e vejo na arte uma ferramenta para conectar as mulheres com a rua e mostrar que esse espaço também pertence a elas.

Em geral, qual tipo de reflexão você deseja gerar nas pessoas por meio da sua arte?

Espero que várias, mas, principalmente, sobre como as mulheres são representadas e como isso as aprisiona e as limita. Tento mostrar que o feminino precisa ser despertado, pois só assim teremos salvação.

Desde que começou, qual trampo foi mais marcante?

Ah! Vários. Choro com frequência, olhando para alguns trabalhos.

Já sofreu algum preconceito desde que entrou neste mundo da arte de rua? Fale um pouco sobre isso.

Imagino que tenha, sempre tem, mas não me conecto com estes pensamentos. Escolho não deixar que cheguem em mim e afetem meu trabalho e minhas motivações.

Muitas obras suas retratam mulheres. Você costuma se inspirar na história pessoal de uma pessoa para criar sua arte?

Não represento nenhuma mulher real, então, não. A única que fiz assim, foi a Marielle Franco. Sua história não inspirou apenas as pinturas que fiz dela, mas minha vida como um todo.

Houve alguma situação em que uma mulher veio lhe contar sobre o impacto que sua obra teve na vida dela?

Isso acontece cada vez mais, e nada poderia me deixar mais feliz que isso. A pintura é só uma ferramenta, e o meu objetivo é conseguir ajudar no movimento de libertação do feminino e das mulheres, conseqüentemente, do movimento de libertação do afeto e do amor.

Sentiu alguma dificuldade para entrar na cena por ser mulher? Comente um pouco sobre isso.

Ser mulher, na arte de rua, é como ser mulher em qualquer lugar. Menos representatividade, mais assédio, menos oportunidade, menos seriedade com a importância do nosso trabalho. Mas tem uma grande vantagem, como mulher branca, nunca fui parada pela polícia. Parece que tanto eles como a população, em geral, imaginam, de cara, que estou fazendo algo "correto". Enquanto isso, um grande amigo meu, também artista, por ser negro, é parado pela polícia quatro vezes antes mesmo de começar a pintar.

Indique um livro e um filme que a marcaram e conte um pouco sobre o motivo de ter sido tão marcante.

Livro - A deusa interior

Filme - Mother

Duas mídias que me ajudaram a refletir, de maneira ainda mais profunda, sobre as formas cruéis pelas quais o patriarcado "castrou" a mulher e o feminino.

Nas representações artísticas que temos, nos dias de hoje, é possível perceber que apenas o que é considerado "visualmente bonito" é aceito ou visto com bons olhos, e o que não se encaixa no "politicamente correto" já é visto como absurdo, loucura ou, até mesmo, crime. Na sua opinião, qual é a importância deste encontro para a sociedade maringaense?

A arte precisa estar em todos lugares. A arte gera questionamentos, questionamentos libertam e transformam o ser passivo em um ser ativo... um ser autônomo... uma cidade, é um governo e investem na arte, estão investindo na autonomia dos seus cidadãos, e, quando entendemos isso, fica claro que isso não interessa a maioria dos governos.

Quanto ao "visualmente bonito", não temos formação crítica de base, então, as pessoas só acessam a camada superficial do trabalho, que é o visual básico. As cores e formas básicas, o óbvio, e se bloqueiam para tudo que, de primeira, já não for obviamente bonito. Entendendo isso, tento fazer das minhas pinturas um "cavalo de Tróia", uso o realismo como ferramenta para que as pessoas se abram ao meu trabalho, mas entrego junto muitas outras camadas de mensagens ao espectador, que, muitas vezes, a absorve sem nem saber.



HUGGO

Huggo está na cena do graffiti há 17 anos. Começou a rabiscar e a expor sua arte nos muros das cidades por influência de um amigo. Natural de Londrina - PR, possui um estilo peculiar de criação, que gera trabalhos inspirados no mangá e no cartoon, com muito volume, luz e sombra.

Quais são suas influências?

Minhas influências são meus amigos.

Quais são as suas maiores motivações para criar seu trabalho?

O que mais me motiva é a minha família.

Quais ferramentas você utiliza para produzir o seu trabalho?

No graffiti eu gosto de usar só aerosol. Já para telas e outros desenhos sobre papel, utilizo tudo que possa riscar ou pigmentar.

Qual a importância de expor seus trabalhos na rua?

Expor meu trampo na rua é importante para deixar a minha marca, mas o principal é devolver para as pessoas um pouco da cultura que absorvi e tentar motivá-las a pintar também.

Em geral, qual tipo de reflexão você deseja gerar nas pessoas por meio da sua arte?

Na verdade, eu não sei. Às vezes, faço trabalhos de protesto, outras vezes trabalhos irônicos. Depende muito do dia e do momento.

Já sofreu algum preconceito desde que entrou neste mundo da arte de rua? Fale um pouco sobre isso.

Já apanhei da polícia. Ainda bem que não me pintaram. O policial foi muito "gentil" e me disse que não me levaria preso nem me pintaria, e que só ia dar uns tapas mesmo. Porém, apesar desse tipo de situação, a grande maioria das pessoas me elogiam e me incentivam.

Indique um filme que te marcou e conte um pouco sobre o motivo de ter sido tão marcante.

Um filme que eu indico é *Os Simpsons*, arte absurdamente criativa. Suas histórias são muito atuais e mostram o ser humano como ele realmente é.

Na sua opinião, qual é a importância deste encontro para a sociedade maringaense?

O evento vai mostrar diferentes estilos de graffiti e, com certeza, a cidade só tem a ganhar com um evento desse porte.



KAREN FIDELIS

Karen Fidelis, ou Kueia, como é mais conhecida, nasceu e cresceu na periferia de São Paulo e, desde criança, as pixações e graffitis chamavam muito a sua atenção. Desde pequena, já copiava os pixos e os graffitis no papel. Em cada trabalho, ela pretende criar um universo que resgata o lado humorado e descontraído de cenas simples que, por vezes, passa despercebido do cotidiano urbano. Esta é a maior motivação.

Qual é a sua idade?

31 anos.

Qual é a sua formação acadêmica?

Superior completo. Tenho duas graduações: Artes Visuais - Licenciatura e Artes Visuais - Bacharelado, pela Universidade Federal de Uberlândia.

Qual é o seu estilo artístico?

Meu estilo principal é uma fusão entre Cartoon e Comics.

Quais são suas influências?

Minhas principais influências são os grafiteiros brasileiros. Para mim, o graffiti brasileiro é o melhor do mundo (hehe...) dentre eles os grafiteiros: Binho, Edmun, Deley, Gamer, Tinho, Graphis, Dequete, Tarm, JhonnyC, Bigod, Snupi, Liam Bononi, Shock, Ronah Carraro, Crânio, Alex Senna e Sérgio Free. Depois alguns grafiteiros e tatuadores gringos: Gino Fuchs, Chunli, Saturno, Odeith, Dulk, Arsec Erase, Siul e Daim. E minha principal influência para criação definitiva dos traços dos personagens foi o cantor Freddie Mercury.

Quais ferramentas você utiliza para produzir o seu trabalho?

Principalmente papel e lápis, depois, tinta spray.

Qual a importância de expor seus trabalhos na rua? Qual público pretende atingir?

É na rua que o graffiti acontece, que a cultura da arte urbana vive. Primeiramente, eu busco atingir outros grafiteiros e pichadores, pois esse é o principal objetivo do graffiti, é nossa comunicação, nossa interação. Depois, eu busco atingir a população em geral, para que a imagem do meu trabalho seja um momento em que o espectador retire sua atenção dos problemas do dia a dia.

Em geral, qual tipo de reflexão você deseja gerar nas pessoas por meio da sua arte?

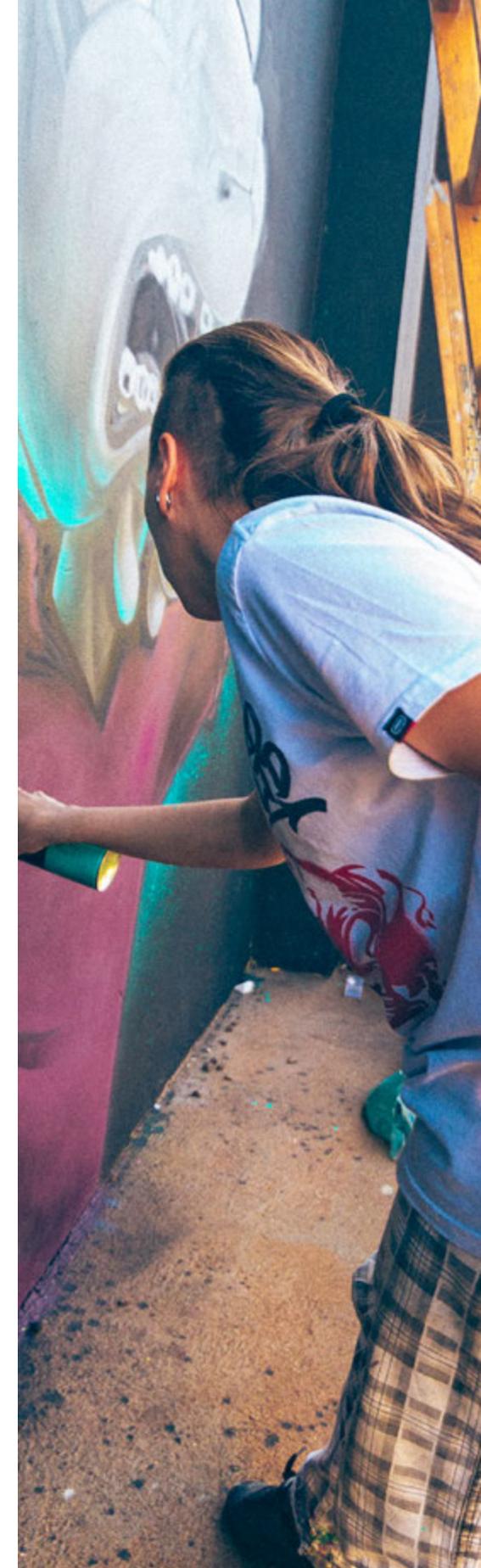
Que a vida não se resume em problemas e stress, que através de um gesto, uma cena engraçada que ele vê retratado no graffiti, ele veja que também compartilha daquela ação. Que sirva para que, no caminho de volta pra casa (ou ida ao trabalho), a pessoa sempre lembre desse bom momento.

Desde que começou, qual trampo foi mais marcante?

A Kuelhona de 20m de comprimento que fiz num projeto com outros grafiteiros dentro do Túnel Noite Ilustrada, na Av. Rebouças, em São Paulo - SP. Esse dia foi marcante porque foi totalmente diferente e tenso. Geralmente, levo quatro dias inteiros para produzir um personagem de 2x 8m. Neste, tivemos apenas 4h durante 4 dias (madrugadas) para produzir um de 5x20m. Foi hiper corrido, tive que contar com ajudantes, não tive tempo de descansar, nem comer direito... trocamos o dia pela noite. Pensei que não conseguiria, mas consegui! Foi incrível!

Já sofreu algum preconceito desde que entrou neste mundo da arte de rua? Fale um pouco sobre isso.

Dentre os grafiteiros e pixadores não. Não que eu tenha percebido. O máximo é preconceito por minha condição de autista. Eu tenho um pouco de dificuldade social e também não detecto bem os rostos das pessoas. Então, já espalharam boatos de que eu era metida, arrogante e outras coisas por eu não reconhecer as pessoas e ser meio atrapalhada nas habilidades sociais. Mas preconceito pela minha arte eu recebo mais de pessoas fora do movimento, dizendo que o que faço é vandalismo, que é arte de favelado e não deve ir para lugares mais ricos da cidade, que eu não deveria fazer por que sou mulher etc. Mas esses que falam besteiras são pouquíssimos, são raros. Eu recebo mais elogios, 95% das vezes.



Indique um filme que te marcou e conte um pouco sobre o motivo de ter sido tão marcante.

Bom... filmes, todos que têm a ver com graffiti são incríveis, como: *Cidade Cinza*, *Wild Style*, *Bomb it*, *Style Wars*, mas os filmes sobre pixação são os melhores: *Pixo* e *Pixadores*.

Houve alguma situação em que alguém veio te contar sobre o impacto que sua obra teve na vida dela?

Sim, algumas pessoas. O mais impactante foi uma moça que disse que depois que fez uma obra no caminho do trabalho dela, a tristeza que ela sentia diminuiu demais, que amenizou sua depressão. Exatamente meu objetivo, quando eu desenho. Fiquei super feliz que estava sendo efetivo. Fora outros que dizem acompanhar minha caminhada e não desistiram da arte por verem minha força, minha superação e evolução na pintura.

Sentiu alguma dificuldade em entrar na cena por ser mulher? Comente um pouco sobre isso.

Por eu ser mulher, como eu disse, sinceramente nunca percebi. Talvez meninas tenham preconceito porque logo de cara elas fazem graffiti e buscam ser aceitas na cena e em grupos. Como não têm muita experiência, os rapazes não acreditam nelas, e elas desistem. Vira um círculo vicioso, elas desistem porque eles não acreditam, e eles não acreditam porque elas desistem. Meu caso foi diferente porque quando entrei na cena, eu já estava com bastante experiência, os rapazes me aceitaram mais facilmente. Por eu ser autista, eu nunca senti necessidade de entrar em grupos, ou ser aceita. Eu sempre amei fazer as coisas sozinha. Então minha motivação era apenas pintar, o que facilitou o ganho de experiência antes de a galera me conhecer. Eles que vieram saber quem era a pessoa por trás dos graffitis, eles que



me chamaram para o movimento. Então foi muito mais fluido, não tive barreiras com outros grafiteiros.

Na sua opinião, qual é a importância deste encontro para a sociedade maringense?

Eu morei no interior de Minas Gerais, e as pessoas lá só aceitavam pinturas de paisagem, cavalos e retratos. Graffiti não é só isso, é principalmente letras e personagens expressivos. Então, até essa galera aprender a apreciar, levou bastante tempo, teve resistência. Mas como eu e meus amigos não desistimos, depois de um tempo eles estão gostando de tudo, até grapiço. Da mesma forma eu visualizo o encontro em Maringá. A população ficará curiosa sobre o que está acontecendo, irá visitar, perguntar e conversar com os artistas. Acho isso extremamente válido, eu gosto e tenho bastante paciência de responder às perguntas de curiosos, afinal, a partir desses curiosos que será gerada a cultura de valor do graffiti. Então, é muito importante dar a devida atenção pra quem assiste. E o fato de ser um encontro formal de grafiteiros selecionados, isso dá à população a noção de seriedade, que quem está ali organizando e pintando realmente sabe o que está fazendo, são profissionais, e eles vão confiar em quem está ali participando.

KARINE GUERRA

A curiosidade, o incômodo e a alegria são os combustíveis que movem Karine Guerra em suas criações. Formada em Artes Visuais, ela busca, por meio de sua arte, aproximar sua linguagem das pessoas e tentar desmistificá-la. Acredita que estreitar esta relação é uma oportunidade de perfurar conceitos preconceituosos sobre o tema e mostrar que é, também, uma forma legítima de poesia, que fala sobre nossa realidade e a questiona.

Qual é a sua idade?

33 anos.

Você é natural de qual cidade e onde mora atualmente?

Nasci e moro em São Paulo, capital.

Qual é a sua formação acadêmica?

Tenho formação em Artes Visuais.

Como e há quanto tempo o Mural entrou em sua vida?

Acho que a curiosidade pela pintura em grandes formatos e/ou na rua e a possibilidade de ter entrado no coletivo *Muros que Gritam*, que trabalha esta linguagem. Isso foi em meados de 2015.

Qual é o seu estilo artístico?

Os murais que tenho feito são figurativos, mas misturo elementos diferentes, dependendo do tema e da ocasião.

Quais são suas influências?

Tenho a sorte de poder conviver com artistas que sempre me inspiram. Mas quanto a artistas muito populares, posso citar Tamara Djurovic (Hyuro), minha muralista preferida.

Quais ferramentas você utiliza para produzir o seu trabalho?

Geralmente, tinta látex, pincel e carvão para as marcações. Ocasionalmente, spray para preenchimentos pequenos.

Qual a importância de expor seus trabalhos na rua? Qual público pretende atingir?

É importante por ser um tipo de trabalho disponível, aberto. Não penso em um público específico.

Em geral, qual tipo de reflexão você deseja gerar nas pessoas através da sua arte?

Astemáticas são variáveis, mas, por exemplo, me interessa muito propor imagens que questionem a violência e controle gerados pela desigualdade de gênero.

Desde que começou, qual trampo foi mais marcante?

O que fiz em parceria com Elisa Riemer (PR) e Maria Zeferina (MA), no Sesc Santana (SP), no começo deste ano. A proposta era pensar nos códigos de conduta colocados sobre o corpo da mulher. Trouxe a figura da casa, do lar. Como vive a mulher em seu próprio lar? Pensei na questão da sobrecarga nas tarefas domésticas e nos cuidados com os filhos, o que atrapalha muito, ou impede o ingresso nas discussões e decisões na esfera pública. Pensei, também: Com quem se divide o lar? E a lamentável estatística de que 30% das mulheres mortas, no mundo, foram assassinadas por seus próprios companheiros (fonte OMS).

Já sofreu algum preconceito desde que entrou neste mundo da arte de rua? Fale um pouco sobre isso.

Como meu companheiro também faz parte desse contexto, infelizmente, é bastante comum que as pessoas achem que eu estou acompanhando e que não vou pintar também.

Indique um livro e um filme que te marcou e conte um pouco sobre o motivo de ter sido tão marcante.

O livro é o "A Paixão segundo G.H.", de Clarice Lispector, por eu ter me surpreendido, durante todo o livro, com a precisão da descrição de estados emocionais, numa forma nada convencional de contar as

coisas, porque o enredo se desenlaça a partir de um acontecimento aparentemente insignificante. Quanto ao filme, escolho "O Castelo Animado", do Hayao Miyazaki, uma animação adaptada de um livro de Dianna Wynne Jones. A história traz contextos e personagens muito interessantes, e isso pela ótica de Miyazaki me impressionou muito.

Muitas das suas obras retratam mulheres. Você costuma se inspirar na história pessoal de uma pessoa para criar sua arte?

Às vezes me inspiro em mulheres específicas, mas, geralmente, a inspiração vem de relatos que se repetem, de histórias presentes na vida de muitas mulheres.

Houve alguma situação em que uma mulher veio lhe contar sobre o impacto que sua obra teve na vida dela?

Algumas vezes. Neste trabalho que citei, do Sesc Santana, algumas mulheres vieram até mim pelas redes sociais para dizer que se sentiam esmagadas pelas responsabilidades da casa e que também buscavam repensar esse contexto em que a maior parte do trabalho recai sobre os ombros das mulheres.

Sentiu alguma dificuldade em entrar na cena por ser mulher? Comente um pouco sobre isso.

É nítido que, para as mulheres, as oportunidades ainda são muito mais escassas. Basta vermos como está composta a maioria dos eventos de arte de rua. Ao mesmo tempo, também percebo uma crescente mudança de cenário, impulsionada pela luta e união das mulheres por condições de justiça e equidade.



Na sua opinião, qual é a importância deste encontro para a sociedade maringaense?

Aproximar esse tipo de linguagem das pessoas, tentar desmistificá-la. Acredito que estreitar essa relação é uma oportunidade de perfurar conceitos preconceituosos sobre o tema. Mostrar que é também uma forma legítima de poesia, que fala sobre nossa realidade e a questiona.

KLEVS

Fazer ou ter um mesmo estilo por toda a vida é algo que Kleverson Mariano não vê como importante. Vive transitando em tantos estilos que, eventualmente, se depara como um camaleão. Porém, em cada estilo que trabalha, busca deixar pequenos elementos e marcas que identifiquem aquela arte como criação dele. Focado nos trabalhos de graffiti desde 2011, Klevs começou nesta arte durante seu tempo de faculdade, no curso de Artes Visuais. Suas motivações são diversas, mas as mais frequentes são de ter a chance de mostrar algo para outras pessoas e que seu trabalho possa mudar a visão das mesmas em diversas questões.

Você é natural de São Paulo e mora em São Paulo, certo?

Sim.

Qual é a sua idade?

30 anos.

Quais são suas influências?

Minhas influências variam de acordo com o projeto que estou realizando, mas, em geral, os desenhos dos anos 80/90 são grandes influências no meu trabalho. Artistas de diversas áreas também complementam essa lista como: Keith Haring, Adão Iturrusgarai, Basquiat, Orlando Pedroso, Jean Galvão.

Quais são as suas maiores motivações para criar seu trabalho?

Acredito que todo trabalho deve ser divulgado para que outras pessoas possam se inspirar e ter o gatilho de explorar novas possibilidades, caso elas queiram seguir um novo rumo, ou apenas passar alguns instantes naquilo que foi apresentado para elas.

Quais ferramentas você utiliza para produzir o seu trabalho?

Depende do projeto, mas na grande maioria utilizo canetas Posca, spray, lápis, giz, borracha e tinta látex.

Qual a importância de expor seus trabalhos na rua?

Expor meus trabalhos na rua é muito importante porque, para muitos, visitar um museu não é de fácil acesso. Disponibilizar arte na rua é possibilitar que todos possam absorver um conteúdo que antes era dirigido apenas a uma minoria que possui condições financeiras.

Você usa o humor como arma e procura criar um mundo imaginário com personagens carismáticos. Que mundo ou quais mundos são esses?

Essa era uma das minhas ideias iniciais, hoje ainda crio mundos e personagens, mas dependendo do que eu quero transmitir, sigo com temas mais diversos. Os mundos que eu digo são feitos para que todos possam frequentar e analisar sobre questões que eu gosto ou que eu quero transmitir para que exista uma reflexão.

Em geral, qual tipo de reflexão você deseja gerar nas pessoas por meio da sua arte?

Cada pessoa irá possuir uma reflexão sobre o trabalho, eu não procuro induzir ou fazer com que as pessoas foquem apenas na minha resposta. Apenas procuro criar trabalhos em que todos possam adentrar e possuir uma crítica pessoal, sem ter a necessidade de forçar uma ideia ou necessidade para quem estiver observando o meu trabalho.

Desde que começou, qual trampo foi mais marcante?

Foi quando eu customizei um carro (Mini Cooper da BMW), no evento Pixel Show.

Já sofreu algum preconceito desde que entrou neste mundo da arte de rua? Fale um pouco sobre isso.

Preconceito existe em todos os lugares, o que podemos fazer é compreender a situação e ensinar aos que estão reagindo de forma intensa e desagradável para que possam ter uma outra postura futuramente. Não tenho nenhuma situação referente a arte de rua em si, mas no caso de trabalhar com arte, sim. São diversas as vezes que muitos perguntam qual o meu segundo trabalho pois acreditam que trabalhar com arte é ainda um hobby.



A man with dark, wavy hair, wearing a bright red t-shirt, is shown in profile from the side, focused on drawing graffiti on a pink wall. He is holding a black marker in his right hand. The wall is covered in various black line drawings, including abstract shapes, wavy lines, and some text. In the background, there are other colorful murals and a blue banner with white Arabic script. The scene is lit with warm, golden light, suggesting an outdoor setting at dusk or dawn.

Indique um livro e um filme que te marcou e conte um pouco sobre o motivo de ter sido tão marcante.

O filme que me marcou se chama: Local Color (O mestre da Vida), um filme que nos passa uma transparência sobre a arte e a luta de ser um artista, independente de estar ou não inserido no mercado.

O livro que indico é Roube Como um Artista, do escritor Austin Kleon.

Um livro que te ensina várias maneiras de se destravar dos mecanismos que nós somos apresentados durante a vida.

Na sua opinião, qual é a importância deste encontro para a sociedade maringaense?

É muito importante esses encontros de arte de rua tanto no eixo Rio/São Paulo quanto em outros estados, para que todos possam ter acesso a esse tipo de conteúdo. Arte é importante para compreendermos que devemos viver e não apenas existir.

LUWID

Morador de Ponta Grossa- PR, Luwid começou a grafitar em 2005, influenciado pela cena local de sua cidade. Hoje, com 29 anos, curte fazer seus trabalhos com letras Wild Style, porém sempre arrisca produzir algo diferente, como personagens. Luwid acredita que o graffiti precisa estar na rua, sempre. Também pretende, por meio da sua arte, atingir todos os tipos de pessoas, do mais novo até o mais idoso.

Quais são suas influências?

Gosto muito do trabalho do Does, Edmun, Bolacha, Fisek, Bates, Can Two, entre outros artistas nacionais e internacionais.

Quais são as suas maiores motivações para criar seu trabalho?

Minha maior motivação é ver um painel bem feito, produzido com outros artistas. Busco evoluir, sempre.

Quais ferramentas você utiliza para produzir o seu trabalho?

Atualmente, uso somente spray, mas, quando comecei, eu pintava com látex e rolinho de espuma.

Em geral, qual tipo de reflexão você deseja gerar nas pessoas por meio da sua arte?

Gosto de ver as pessoas me perguntando o que está escrito ali na parede. Muitos também me perguntam o porquê de eu desenhar tantas letras e não aspas para que elas pudessem tirar fotos. É engraçado, mas prefiro fazer o que me satisfaz.

Desde que começou, qual trampo foi mais marcante?

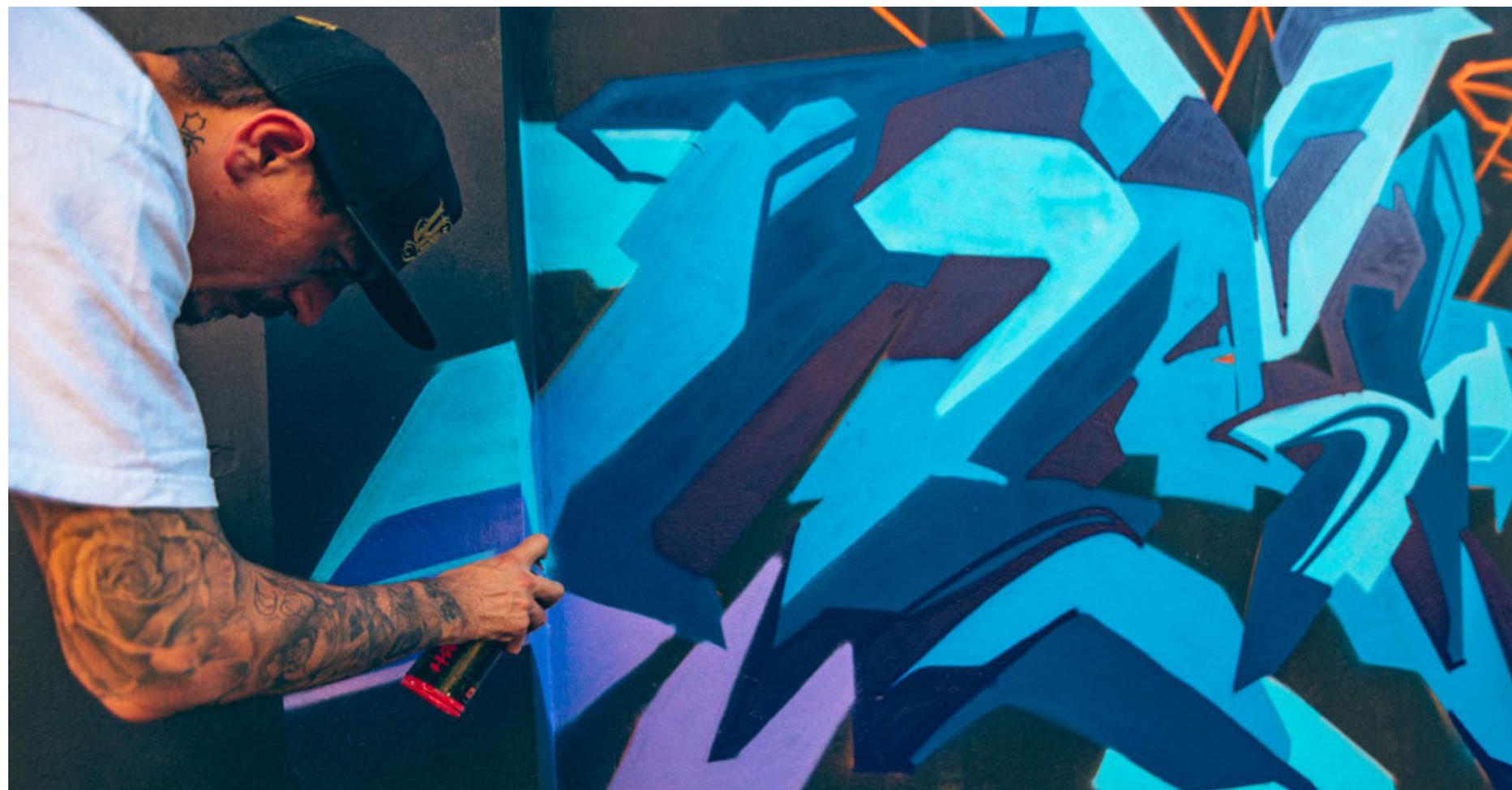
Foi o trampo que fizemos na Catedral de Santana, em Ponta grossa. Foi bem marcante por ser um espaço bem conhecido na cidade.

Já sofreu algum preconceito desde que entrou neste mundo da arte de rua?

Sim, acho que todos os artistas já passaram por algum tipo de preconceito. Sempre vai ter quem gosta da minha arte e quem não gosta.

Na sua opinião, qual é a importância deste encontro para a sociedade maringaense?

Acredito que toda forma de expressão causa um impacto nas pessoas. Isso é bom e, na minha opinião, faz com que as pessoas conheçam mais a arte e tentem entender o processo do trabalho, assim tiram suas próprias conclusões sobre o que está sendo realizado. Isso torna um povo mais aberto e com pensamentos mais positivos.





MEL + FRANK

Há dois anos eles começaram a grafitar e a expor suas artes nos muros de Maringá. Trabalham em dupla, Melina fica responsável pela parte das letras, como o lettering e outros tipos de caligrafia, e Frank cuida da parte dos desenhos, principalmente, de personagens cartoons. Mas não é restritamente assim, eles têm liberdade para trocar ideias e um contribui com o trabalho do outro. Melina, 31 anos, nasceu em São José do Rio Preto - SP e veio para Maringá em 2008. Frank Paris, 28 anos, nasceu em Coronel Vivida - PR e chegou em Maringá em 2009. Coincidentemente, os dois são formados em Letras.

Quem começou primeiro?

Começamos juntos. Um amigo nosso nos convidou para fazer graffiti em um muro. Aceitamos o convite e, a partir daquele dia, percebemos que seria uma ótima ideia realizar nossos trabalhos em dupla.

Quais são suas influências?

Temos muitas influências, que vão desde artistas renomados do graffiti, da caligrafia, do lettering, da ilustração digital, além de situações e referências que estão presentes nas ruas, nas nossas vivências e nas pessoas.

Trabalhar em dupla tem seus benefícios e dificuldades. Comente um pouco sobre esse trabalho colaborativo que vocês realizam.

Bem, buscamos sempre criar respeitando um ao outro, manter essa liberdade de opinião, essa troca de ideias. Não sentimos muita dificuldade nesse sentido, nos damos muito bem, isso ajuda a trabalhar não apenas bem em dupla, mas usar isso a nosso favor sempre, melhorando como pessoas e fortalecendo o trabalho um do outro.

Quais são as suas maiores motivações para criarem seus trabalhos?

Nossa maior motivação é simplesmente a criação em si. Faz parte de nós, é algo que nos dá alegria. Levar cores por onde vamos e colorir um pouco a vida das pessoas que têm contato com a nossa arte também é uma das nossas motivações.

Quais ferramentas vocês utilizam para produzir o trabalho de vocês?

Utilizamos spray, basicamente. Também usamos pincel, tinta látex e, às vezes, giz para esboçar as letras.



Qual a importância de expor seus trabalhos na rua? Qual público pretendem atingir?

A rua é o lugar mais acessível possível, não precisa pagar pra ver, nem qualquer outro tipo de condição, basta parar em frente e visualizar/experimentar a arte. Quanto ao público, todos nossos trabalhos são abertos a todas as idades, para todas as pessoas. É pra qualquer pessoa apreciar e descobrir coisas novas.

Qual tipo de reflexão vocês desejam passar com a arte de vocês?

Em geral, buscamos trazer para as pessoas algumas reflexões sobre nosso modo de viver e de sentir as coisas. Mostrar o que está em nós, que as pessoas podem ser diferentes, de diferentes cores, algo de

espiritualidade também, enfim, a vida. E o legal é que nosso trabalho contém duas linguagens diferentes, não só o desenho que diz muita coisa, mas também as palavras. Os dois juntos enriquecem a experiência visual.

Desde que começaram, qual trampo foi mais marcante?

Cada trabalho tem sua particularidade e, por isso, damos importância a todos, mas gostamos muito mesmo de um trabalho que realizamos recentemente para uma ação da Unicesumar, em homenagem à Maringá, na semana do aniversário da cidade. Na arte, homenageamos os pioneiros, as primeiras pessoas que chegaram no lugar e acreditaram, lutaram e construíram a cidade.

Na opinião de vocês, qual é a importância deste encontro para a sociedade maringaense?

Um evento como esse é de grande valia para a sociedade e para a arte, em especial para a arte de rua. Esse evento aproxima a sociedade e os estudantes da arte, dos artistas. Proporciona esta interação, além de criar uma espécie de galeria a céu aberto, acessível a todos, gratuita. Assim, a população tem mais acesso a essa cultura, o que pode aumentar o público e o conhecimento das pessoas em relação ao graffiti. Também serve como uma ótima experiência para os artistas da cidade, pois, no evento, temos a presença de grandes artistas do graffiti nacional, sendo possível, além de vê-los em ação, trocar ideias e técnicas.



MICHAEL DEVIS

Para Devis, a arte, por si só, é uma questão de ego, pois as pessoas se identificam com o que lhes agrada esteticamente. Sendo assim, outros estilos dentro do graffiti, como Tag, Throw-up, Piece, Wild Style e, até mesmo, a pichação, não satisfarão o anseio da maior parte da sociedade. O que agrada será bem visto, e o que não é compreendido será rotulado como politicamente incorreto. Este grafiteiro curitibano também diz que a alta hierarquia da sociedade comprava e ainda compra obras de arte abstrata, e, quando a pessoa tem poder e se depara com alguém que não tem, ela busca expressar por meio da obra adquirida. Isso pelo fato de ser dono e possuir mais conhecimento que a outra pessoa, mesmo não compreendendo profundamente o significado daquela arte.

Qual é a sua idade?

33 anos.

Como o graffiti entrou em sua vida?

Conheci o graffiti através da pichação, em meados de 1998. Resumidamente, me aprofundei na arte urbana através de um filme chamado *Jean Basquiat*.

Qual é o seu estilo artístico?

Free Style, porém também faço muitos personagens.

Quais são suas influências?

Gosto muito de Cartoon/Mangá Japonês e, desta maneira, minhas influências vêm de muitos ilustradores. Também existem muitos artistas do graffiti que gosto de acompanhar.

Quais são as suas maiores motivações para criar seu trabalho?

Expressar o que sinto no momento. Acho que a arte alegre ou interfere de alguma maneira no cotidiano das pessoas. Sendo assim, busco levar por meio das cores o que me motiva no momento da criação.

Quais ferramentas você utiliza para produzir o seu trabalho?

Apenas Tinta Spray. Sou adepto nato da essência urbana em que o graffiti foi criado, então, busco ser fiel ao Spray Can Art, que difundiu o graffiti décadas atrás.

Já sofreu algum preconceito desde que entrou neste mundo da arte de rua? Fale um pouco sobre isso.

Todo dia. Apenas por empunhar uma lata de spray você já é tachado de alguma forma pela sociedade. Acredito que o preconceito vem do estigma de que a arte urbana é uma parada que expressa aquilo que a sociedade, em geral, não quer perceber. É o famoso "sem papas na língua".

Qual a importância de expor seus trabalhos na rua? Qual público pretende atingir?

A rua traz a sensação de chegar nas pessoas mesmo que elas não queiram, e isso é um meio importante de expor ideias e contextos. Não foco em um público específico, até porque, quando sua pintura está na rua, jamais saberá quem se adaptará a ela.

Desde que começou, qual trampo foi mais marcante?

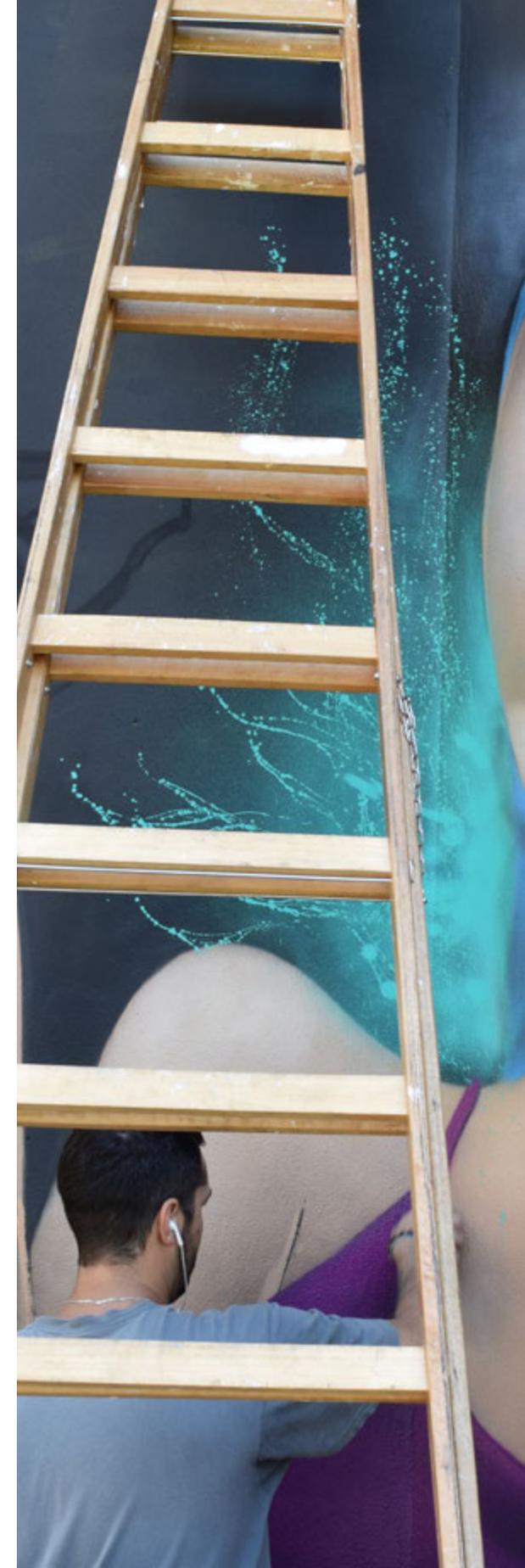
Difícil dizer, pois tenho sentimento por cada pintura que faço. Rodei por 17 países e por quase todos os estados do Brasil, e a arte me fez viver experiências com diversas pessoas. Cada uma delas, com certeza, eu teria algo para te contar sobre o que me agradou. Isso também fez com que eu me adaptasse a novos conceitos durante a minha caminhada.

Indique um livro e um filme que te marcou e conte um pouco sobre o motivo de ter sido tão marcante.

Um livro que me marcou foi *Anjos e Demônios*, que me cativou porque aborda a transigência entre arte e religião. O filme que marcou minha vontade de expressar por meio da arte, sem pensar no que causaria ao próximo, foi *Jean Basquiat*.

Que tipo de reflexão você deseja gerar nas pessoas por meio da sua arte?

Vibrações positivas. De modo geral, todas as minhas pinturas têm muita cor, e os personagens que crio transcendem a alegria. Desta maneira, busco fazer com que as pessoas se sintam bem com aquela estética, nem que seja por meros segundos.



Marcelo Goto, o MRK, iniciou sua caminhada no graffiti há cinco anos e, desde então, busca aperfeiçoar seu estilo e desenvolver novas técnicas. Natural de São Paulo, mora, atualmente, em Maringá, mas viveu boa parte de sua vida no Japão, país que o inspira, significativamente, na produção de suas artes. Formado em Artes Visuais, pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), ele acredita que este encontro é importante para mostrar a diversidade cultural de nosso país, democratizar o acesso à arte e fomentar a produção artística na cidade. Além disso, mostrar para a sociedade que a arte de rua, assim como todas as outras artes, pode gerar diferentes sensações e reflexões nas pessoas, podendo trazer esperança, mas também incômodo.

Qual é a sua idade?

Tenho 30 anos.

Como o graffiti entrou em sua vida e há quanto tempo?

Meu primeiro contato com o graffiti foi nas ruas de São Paulo, onde em cada esquina a gente tem acesso a uma arte diferente. Admirava o trabalho de vários artistas e nunca imaginava que um dia viria a pintar. Foi na universidade, em 2013, que veio a primeira oportunidade e incentivo, daí as ideias não pararam mais. Depois da primeira pintura a gente se apaixona e não quer mais pintar em outro lugar que não seja nos muros da cidade. Depois disso, vieram os projetos e os encontros de graffiti, que surgiram do desejo de buscar mais conhecimentos e aprender mais com artistas que admiro, trazendo eles para a cidade e criando galerias de arte a céu aberto.

Qual é o seu estilo artístico?

Ainda não tenho um estilo definido, estou trabalhando para encontrar e, nessa busca, gosto de transitar por diferentes vertentes dentro das artes visuais.

Quais são suas influências?

Hoje em dia, artistas contemporâneos, mas me inspiro muito em artistas das vanguardas, impressionismo, surrealismo, além de arte japonesa.

Quais são as suas maiores motivações para criar seu trabalho?

Primeiramente, uma realização pessoal. Eu gosto de pintar, é algo que me traz paz, sentimentos positivos, lembranças. Depois, pintar na rua, é levar esse sentimento para outras pessoas de alguma forma. Acredito que isso também motive e fomente a arte na cidade.

Quais ferramentas você utiliza para produzir o seu trabalho?

Utilizo materiais diversos, desde lápis, pincéis, rolinhos, sprays etc. Varia de acordo com cada projeto, com cada momento.

Qual a importância de expor seus trabalhos na rua? Qual público pretende atingir?

Pintar na rua é a melhor forma de se comunicar com todos os públicos, de poder levar acesso a arte para quem não tem acesso.

Em geral, qual tipo de reflexão você deseja gerar nas pessoas por meio da sua arte?

Positividade, paz, lembranças.

Desde que começou, qual trampo foi mais marcante?

Cada projeto que realizei tem uma importância muito grande para mim, mas a 1ª edição do Encontro de Graffiti de Maringá eu posso dizer que foi especial. Foram meses projetando e trabalhando para a realização de um sonho. Agradeço a todos que ajudaram. E os frutos a cidade vem colhendo hoje, quase dois anos depois, com novos artistas pintando e trazendo mais arte para nossa cidade canção.

Indique um livro e um filme que o marcou e conte um pouco sobre o motivo de ter sido tão marcante.

Estética Marginal, volumes I e II, são livros que indico para quem está querendo entender um pouco sobre o graffiti no Brasil e conhecer alguns dos pioneiros. Já um filme, indico um documentário da BBC, "Impressionistas", que mostra a história de artistas do movimento conhecido como impressionismo. O filme é interessante, pois mostra a luta dos artistas para conseguirem

espaço, mesmo sendo criticados pela crítica e por artistas conservadores. Hoje, são considerados grandes nomes da história da arte.

Você acredita que a cena do graffiti de Maringá cresceu nos últimos anos?

Posso dizer que a cena da arte urbana está crescendo em Maringá, acompanho um movimento forte vindo de diferentes pontos da cidade, de alunos da universidade, e fico feliz em saber que alguns artistas começaram a pintar na primeira edição do Encontro de Graffiti.



NETO VETORELLO

Existem exposições de arte acontecendo em diversas cidades do mundo, porém nem todas as pessoas têm acesso ou costume de ir a esses lugares. Para Neto, curitibano de 34 anos, a vantagem do graffiti é a sua democracia, pois rompe barreiras e atinge todo tipo de público, desde o morador em situação de rua até o magnata. Neto defende a bandeira do graffiti ilegal e se diz fascinado por esta modalidade. Também acredita que esta é a raiz do graffiti e sua principal matriz, que nem sempre agradará os olhos da sociedade, mas sempre será o gatilho principal para despertar algo nas pessoas.

Como e há quanto tempo o graffiti entrou em sua vida?

O graffiti entrou em minha vida muito cedo, aos 9 anos, quando vi uma pintura, pela primeira vez, na cidade de Curitiba. A partir deste momento surgiu uma pulga atrás da orelha que me fez despertar o interesse por esta arte e, 5 anos depois, fiz meu primeiro graffiti (spray can art) na rua. Desde então, não parei mais.

Qual é o seu estilo artístico?

Gosto de mesclar muitos estilos, acho desafiador percorrer o maior número de estilos e absorver suas particularidades. Porém estou mais atuante com o graffiti.

Quais são suas influências?

Minhas principais influências vêm do campo musical. Gosto de vibrar na mesma sintonia sonora e incorporar isso ao meu trabalho. Não gosto de citar nomes, pois sempre acabo esquecendo de alguém.

Quais são as suas maiores motivações?

Minha maior motivação é a conexão entre o criador e o público, a reação das pessoas frente à tinta numa superfície, isso me fascina.

Quais ferramentas você utiliza para produzir o seu trabalho?

Tudo que risque e/ou saia tinta.

Em geral, qual tipo de reflexão você deseja gerar nas pessoas por meio da sua arte?

Desejo que as pessoas busquem a espiritualidade e a conexão com o astral. Esta é a principal reflexão que eu quero gerar através do *spray can art* e outras técnicas.

Desde que começou, qual trampo foi mais marcante?

Cada trabalho tem uma história. Não tenho um trampo específico que seja marcante, acho que a maioria deles é muito marcante para mim, pois me faz a pessoa que sou hoje.

Já sofreu algum preconceito desde que entrou neste mundo da arte de rua?

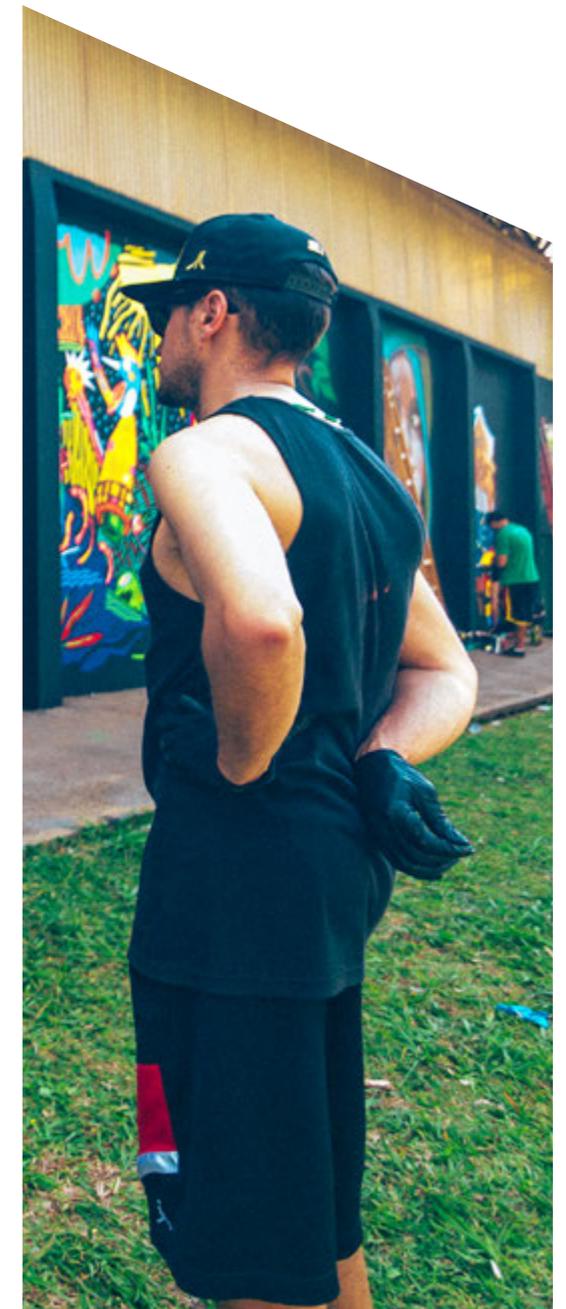
Sim. Estou, desde o início do graffiti, em Curitiba e já passei por muitas coisas: preconceito em casa, na rua etc. As pessoas tendem a ter preconceito de algo que não conhecem, isso é um fato que não temos como fugir. Portanto, eu ignoro esse tipo de preconceito.

Indique um livro e um filme que te marcou e conte um pouco sobre o motivo de ter sido tão marcante.

Livro: *Comando Vermelho* - A história do crime organizado, escrito por Carlos Amwornin. Esse livro foi uma lição de vida pra mim. Entendi o propósito da organização em ajudar os presos que passavam por situações inumanas dentro do sistema carcerário brasileiro e também auxiliar suas famílias. Eu acho incrível o que as pessoas fazem nessas situações para ajudar o próximo, mas lógico que, depois disso, a coisa desandou, e os princípios se perderam no meio do caminho. Mas uma coisa que também me marcou nesse livro foi o fato de que "se você está na guerra, precisa saber atirar com as duas mãos", pois, se for atingido em um braço ou uma mão, a outra continuará atirando. Sou quase ambidestro por esse ensinamento hoje (rs).

Filmes: *Beat Street* e *Lord of the Rings*

São dois starts que tive em minha vida: um para começar com o graffiti e outro para começar com a leitura. Uma longa história que não cabe aqui, mas super indico. Na verdade, indicar somente um de cada é "sacanagem", tenho milhões de coisas boas para indicar.





Houve alguma situação em que alguma pessoa veio te contar sobre o impacto que sua obra teve na vida dela?

Sim, tenho inúmeros depoimentos sobre o que minhas ações na rua fizeram na vida das pessoas e, principalmente, o impacto e o incentivo para que as pessoas continuassem a pintar.

Na sua opinião, qual é a importância deste encontro para a sociedade maringaense?

A importância desse tipo de ação e/ou evento é fundamental para trazer um diálogo com as pessoas, sejam elas interessadas em começar a pintar ou o cidadão comum que não tem acesso a esse tipo de arte. Realizamos, anualmente, o encontro internacional de Graffiti em Curitiba/PR, o *Street of Styles*, e o impacto que esse perfil de evento atinge é incrível tanto para fomentação da cultura, da economia local e do turismo. Agora que a *Street Art* está em alta, muitas pessoas passam a absorver essas pinturas e, indiretamente, acabam tendo um impacto na vida desses transeuntes.

NUNO SKOR

Nasceu na Angola, morou na Suíça e, hoje, reside em Maringá. Esta é a trajetória de vida de Skor, grafiteiro que carrega em sua arte um pouco da cultura dos três continentes em que viveu.

Em qual país o graffiti entrou em sua vida?

Tudo começou na Suíça, em 1996.

Como a cultura brasileira tem influência na criação de sua arte?

A cultura brasileira foi primordial, no meu ponto de vista, para ter meu estilo. Digamos que foi a mistura das minhas duas vidas que levou a me destacar de outros.

Quais são suas influências?

São várias. Sou grande fã dos Gêmeos, não curto muito o realismo, mas sim o mundo fantástico de cada artista. Mas diria que tem, principalmente, uma cultura brasileira que amo, que é a arte do cordel ou xilogravura. Também sou grande fã de Poti.

Quais são as suas maiores motivações para criar seu trabalho?

Tentar ser o mais positivo possível e trazer boas vibes.

Quais ferramentas você utiliza para produzir o seu trabalho?

Hoje em dia, são vários os instrumentos de arte que uso. Na Europa, eu recusava utilizar outro recurso que não fosse o spray, mas quando cheguei ao Brasil, tive que me virar com o que encontrava, pois me deparei com o problema da falta de material. Esta situação foi uma revolução e um aprendizado para mim, porque tive que me adaptar e buscar o melhor jeito de fazer a arte. Foi fantástico. Isso resultou em um estilo diferenciado.

Qual a importância de expor seus trabalhos na rua?

Questionar e positivar as pessoas. Fazer elas viajarem no meu mundo.

Desde que começou, qual trampo foi mais marcante?

Tive e tenho a sorte de trabalhar com muitas marcas e pessoas incríveis que confiam no meu trabalho. Produzimos grandes projetos juntos, mas o melhor foi o trabalho que realizei no Shopping Avenida Center, em Maringá, onde fui convidado para pintar um mural de 400 metros quadrados. O projeto teve o objetivo de criar uma obra que contasse a história da cidade, desde os índios até os dias de hoje. Foi fantástico. Atualmente, é o maior mural street art produzido em um shopping do Paraná. Outro grande momento foi o convite pela curadoria da Bienal do Graffiti Fine Art - 2013, em São Paulo. Também foi algo incrível.

Você acredita que a cena do graffiti de Maringá cresceu nos últimos anos?

Com certeza. Mesmo sendo um cara solitário, não tenho nada contra ninguém. Como sou gringo, tenho meu jeito europeu, que carrega bastante individualidade. Por isso, não apareço muito, mas sigo com muito carinho com tudo que acontece.

Qual é a maior barreira para o crescimento da cena do grafite em Maringá?

Se aceitarem uns aos outros.



PAULO ITO

Artista de humor gráfico, sem chefe, sem mídia e sem média, este é Paulo Ito, paulistano de 40 anos, que leva reflexão por onde passa, utilizando sua arte como meio de levar as pessoas a repensarem e a confrontarem seus próprios pensamentos e atitudes.

No princípio de sua caminhada, Ito era motivado em ajudar a construir um mundo melhor, mas hoje ele acredita que apenas deve se expressar da maneira que pensa e sua motivação é a da criação, de botar no mundo algo que ainda não exista. Seus graffitis promovem muita discussão, pois abordam temas que boa parte da sociedade prefere ignorar.

Em uma das suas entrevistas você disse que faz parte de uma família de imigrantes. De onde seus familiares vieram? Comente sobre essa mudança.

Minha mãe nasceu na Itália e meu pai é filho de japoneses. Foi uma mudança de vida bastante significativa pros pais da minha mãe, mas que estando perto dos 40 anos de idade, não se adaptaram 100%, então herdamos muitas raízes culturais.

Qual é seu estilo artístico? Quais são suas influências?

Acho que sou um artista de humor gráfico, sem chefe, sem mídia e sem média. O meu estilo então tem muito a ver com cartum, mas tenho também influência de outros artistas de rua. No entanto, conta muito mais influências como a do genial desenhista argentino Quino, por exemplo, pela excelência incomparável de seu trabalho.

Por que seguiu essa pegada mais reflexiva e o que deseja gerar nas pessoas através da sua arte?

Eu não sei, sinceramente. Sinto que a maioria tem preguiça ou desinteresse em refletir sobre arte de rua e me pergunto por que continuar dando murro em ponta de faca, pensando e elaborando coisas, refletindo, adaptando cada trabalho ao lugar e ao público que se destina, acredite dá muito mais trabalho do que pintar simplesmente algo alegre e inofensivo e repetitivo. Ia ser bem mais fácil e provavelmente melhor aceito. Meu pai um dia, depois que destruí com um soco o vidro do carro da família, me perguntou algo que nunca esqueci: você é retardado? Eu respondi que achava que sim. Vai ver é isso.

Qual a importância de expor seus trabalhos na rua? Qual público pretende atingir?

Todo mundo. Eu tento comunicar da maneira mais simples possível, para que o trabalho chegue ao maior número de pessoas, sem ser óbvio e sendo engraçado de certo modo. Mas a maioria das pessoas não entende.

Desde que começou, qual trampo foi mais marcante?

Eu gosto muito de um trabalho que fiz no Bresser, em São Paulo. Tem um grafiteiro retratando dois ricos como se fosse um espelho e eles deparados com sua própria feiura no reflexo condenam a obra e o artista desqualificando-o. Acho que ficou consistente enquanto conceito e expressou, enquanto imagem, algo que vai além e é mais interessante do que um texto meu falando sobre esse tema.

O que te motivou a fazer uma viagem de moto pela América do Sul? Passou em quais países?

Eu estava em um ano muito ruim de trabalho e fiz, provavelmente na época, depois de muitas tentativas, um dos melhores layouts para um trabalho comercial grande. Mas o cliente não se convencia porque, infelizmente, era muito conservador ou babaca mesmo. Ou queria algo que fosse a cara do seu público, que pra mim é composto basicamente de panacas. Foi uma gota d'água em um momento bastante ruim, então me desprendi de tudo, inclusive do receio de viajar sozinho. Eu achei que estava pronto pra morrer se fosse o caso. Risos. Mas já havia planejado a viagem e ia acontecer de todo jeito. Eu queria realizar trabalhos bastante pertinentes pelos lugares que passei. Mas acho que não tive muito êxito nesse sentido. Sou um cara muito lento. Lerdo mesmo, preciso de muita vivência e reflexão pra fazer algo realmente pertinente.

Durante sua viagem, quais fatos te marcaram e o que mais te incomodou?

Acho que a proximidade com pessoas vivendo em situação de injustiça social foram marcantes. Por outro lado, durante os trajetos, eu fiquei muito comigo mesmo, quase em uma meditação, e pude refletir sobre muita coisa, que agora não lembro. Risos. Hoje em dia, às vezes, me pego com certa relutância frente a algumas situação que devo enfrentar e repito comigo

mesmo: caralho, você cruzou sozinho em uma tempestade de gelo os Andes a 5500 metros de altura quase congelando e tá cabreiro com essa parada?

Qual foi o impacto desta viagem para a vida do Paulo Ito? O que gerou de mudança em você, como pessoa, após estes dias?

Acho que pude racionalizar meus temores e tive que enfrentá-los sempre sozinho, então sinto que pude compreender melhor a capacidade que tenho e que todos temos de enfrentar as coisas e nos superar.

Indique um livro e um filme que te marcou e conte um pouco sobre o motivo de ter sido tão marcante.

Ano passado assisti Peles, longa de estreia do espanhol Rodrigo Casanova, que me marcou muito. O filme fala de personagens aparentemente monstruosos em situações que dão asco, mas que depois despertam (pelo menos em mim) grande sentimento de afeição, ao entender suas histórias e dramas pessoais que são simplesmente humanos e pertinentes a todos. Eu dou muito valor quando o formato leva o espectador para lugares que ele nunca esteve. Pra mim cinema é descoberta. Por isso tenho horror ao formato comercial que não acrescenta nada, mas ao contrário reforça estereótipos que o público adota sem perceber. Já reparou que o Scar, o vilão de Rei Leão, se parece muito com um árabe?

Durante a viagem pela América do Sul li Cem anos de solidão. Achei que foi o momento certo em busca de um entendimento da identidade latina, e de fato, eu vivi algumas situações tão inusitadas como as descritas no livro, que relata algo profundamente real utilizando metáforas absurdas caras ao estilo do realismo mágico em que foi escrito.



Houve alguma situação em que alguma pessoa veio te contar sobre o impacto que sua obra teve na vida dela?

Claro as pessoas falam muito, algo como - ai, mas o que tinha antes era tão legal! - quando estou renovando uma parede. É engraçado que acham que nunca vai ficar tão legal quanto a que estava antes. Acho que nos acostumamos com algo e nos apegamos. E uma moça uma vez me disse que eu era um machista horrível e que ela ia com as amigas apagar meus trabalhos. Eu fiquei muito revoltado porque as paredes não podem se defender. Era de uma covardia enorme. Mas ela estava mesmo muito incomodada com o teor dos trabalhos. É que muitas vezes eu crio cenas em que dentro de um relacionamento de casal existe uma relação entre oprimido e opressor. Aí se a mulher era a opressora, ela não aceitava, quando a mulher era oprimida era pior ainda. Mas eu entendo: quando eu tinha uns 6 ou 7 anos de idade ficava revoltado quando a Mônica batia no Cebolinha, achava aquilo intolerável, entendia a personagem como alguém muito ignorante. Claro, eu era uma criança e não separava bem ficção da realidade. Por outro lado eu sempre lia Turma da Mônica, ao contrário do Mickey que já nessa idade me fazia perguntar: como o mundo inteiro amava aquele rato que sequer era engraçado? Somente muitos anos depois entendi que era a tal da babaquice, e que no mundo é praticamente uma regra se você quer fazer da sua expressão um sucesso comercial sem gerar conflitos.

Nas representações artísticas que temos nos dias de hoje é possível perceber que apenas o que é considerado “visualmente bonito” é aceito ou visto com bons olhos, o que não se encaixa no “politicamente correto” já é visto como um absurdo, loucura ou até mesmo crime. Na sua opinião, qual é a importância deste encontro para a sociedade maringaense? Claro, estamos muito atrasados, as pessoas

na falta de acesso a cultura adotaram o entretenimento achando era arte. O artista de sucesso hoje é o cantor de brega que faz letra para ser humano copular (e que além disso são bestas). Na arte de rua no intuito de atingir esse público a coisa às vezes é parecida, não desmereço os artistas. O Chomsky dizia que as pessoas que trabalhavam em certas mídias não eram hipócritas que bajulavam o anunciante, simplesmente tinham um perfil que os agradava naturalmente, acho que na arte é assim também... Fica uma fila no beco do Batman pra tirar foto com asinha de sei lá de que, de anjo, ou de frango acho, no fundo. E eu vejo que quase ninguém tá olhando os trabalhos, querem sair bem no Instagram em um beco que virou um grande cenário. Muitos não se dão conta ao tirar foto no pavão do grafiteiro Enivo que estão mostrando suas plumas que nem o animal pra se exhibir. Aí fazem uma festa junina e põe as bandeirinhas em cima dos trabalhos, que como disse viraram mero cenário. Então essa é a arte cafuné, aquela que faz você se sentir melhor. É que nem os gurus de hoje em dia ou aquelas frases com por do sol no fundo no facebook: o mundo exterior não importa, não se deixe abalar, não responda, não se altere, não faça nada e seja feliz. Acho muito engraçado, fico imaginando um guru em forma de avestruz com a cabeça enterrada na terra. Aí vem alguém correndo com um nabo e vaselina, se é que você me entende, e o avestruz lá alheio a tudo. Quanto ao meu trabalho em Maringá eu não sei, muita gente se interessa e acompanha, alguns desses até aparecem no evento e é muito positivo, mas para o público geral, acho que vão ver meu trabalho e pensar: olha que inconveniente esse artista, gosto mais desse que lembra Romero Brito! Risos. Ai quem sabe um milhão de anos depois vão falar: é, até que a arte podia falar sobre outras coisas, mas provavelmente nesse momento especialistas em marketing e artistas de rua serão a mesma coisa.

RAFAEL JUNG

Estar incomodado com a zona de conforto é um fator importante para o crescimento individual, pois o comodismo, na maioria das vezes, deixa a vida estagnada. Porém este não é o caso de Rafael Jung, que, após sentir a necessidade de algo a mais para a sua arte, começou a buscar novas experiências pessoais e artísticas no universo do graffiti. Para este gaúcho de Novo Hamburgo, a maior importância de um muro grafitado na rua é dar vida ao lugar e fazer com que as pessoas olhem para a arte, pois ninguém fica observando um muro todo cinza, vermelho ou branco, por exemplo. O que mais cativa Rafael são os tipos de olhares que sua arte gera nas pessoas.

Qual é a sua idade?

35 anos.

Qual é a sua formação acadêmica?

Bacharel em Artes Visuais, na Universidade Feevale.

Qual é o seu estilo artístico?

Trabalho com todos os estilos, mas o cartoon é o estilo que mais curto.

Quais são suas influências?

Os Gêmeos e o Binho foram minhas referências base.

Quais são as suas maiores motivações para criar seu trabalho?

Gosto muito de pintar, sempre me motiva com novos projetos e novos desafios.

Qual tipo de reflexão você deseja gerar nas pessoas através da sua arte?

Quero transmitir uma boa energia e mudar o olhar da pessoa, nem que seja por alguns segundos. Também é interessante quando as pessoas param para fazer uma foto, assim, interpretam a arte do seu jeito.

Quais ferramentas você utiliza para produzir o seu trabalho?

Tinta spray, tinta acrílica pincéis rolos.

Desde que começou, qual trampo foi mais marcante?

Tive vários tramos marcantes e desafiadores. Um deles foi um trabalho feito para a empresa de trem Trensurb, onde pinte 500 metros quadrados de teto. O trabalho levou 4 meses. Outro momento marcante foi quando pinte meu personagem, o Panito, em uma composição de 71 telas, medindo o tamanho total de 3x5,50m.

Indique um livro e um filme que te marcou e conte um pouco sobre o motivo de ter sido tão marcante.

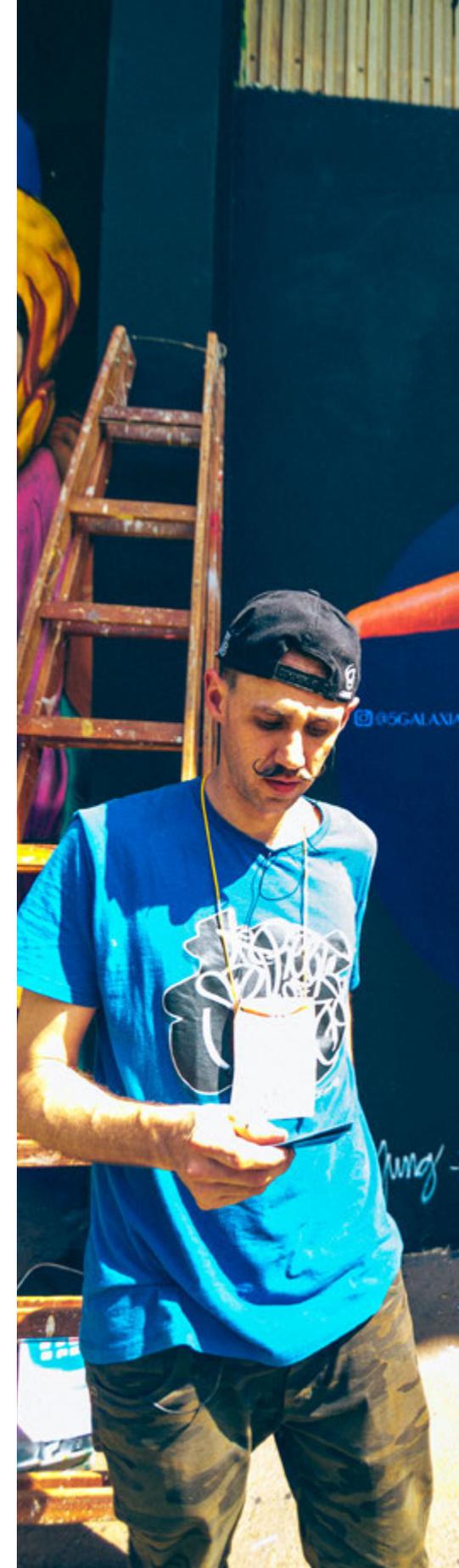
Vou citar uma série que foi muito importante para mim, que é *The Get Down*. Cara, usei parte desta série para escrever meu TCC e aprendi muito com toda a produção deste seriado. E um livro que me marcou foi *O Milagre da Manhã*, de Hal Elrod, que não tem nada a ver com o graffiti, mas me ensinou como administrar minha carreira de artista.

Houve alguma situação em que alguma pessoa veio contar sobre o impacto que sua obra teve na vida dela?

No decorrer da trajetória, vamos movendo algumas pessoas que admiram nosso trabalho, que elogiam e que compram nossas obras. Isto é muito satisfatório.

Na sua opinião, qual é a importância deste encontro para a sociedade maringense?

Acredito que este evento fomenta a arte, eleva o nome do graffiti e agrega cultura para a cidade. Estes encontros também são importantes para os artistas trocarem ideias e aprenderem novas técnicas.





RENANS

Morador de Maringá-Pr, Renans conheceu o graffiti há 12 anos, em seu tempo de colégio. Ele conta que, logo após comprar uma revista que continha apenas três folhas com fotos de trabalhos de outros grafiteiros, resolveu desenvolver seu talento e começar a pintar. Suas maiores motivações para criar seus trabalhos são os acontecimentos do dia a dia, o rap e a tattoo. Renans acredita que este evento serviu para mostrar um pouco mais da cena da cultura de rua e do graffiti para a sociedade e espera que outras pessoas tenham sido motivadas a começar a grafitar também.

Qual é a sua idade?

26 anos.

Qual é o seu estilo artístico?

Curto fazer personagem.

Quais são suas influências?

Admiro vários artistas, não só da cena do graffiti, mas os que mais me influenciaram no começo foram: Os Gêmeos, Tinho, Onesto, Chivitz, Acme, Zezão, Boleta, Does, Icone K e os caras que pintam comigo.

Quais ferramentas você utiliza para produzir o seu trabalho?

Utilizo spray e látex.

Qual a importância de expor seus trabalhos na rua?

A importância é mostrar a cena do graffiti na cidade.

Qual público pretende atingir?

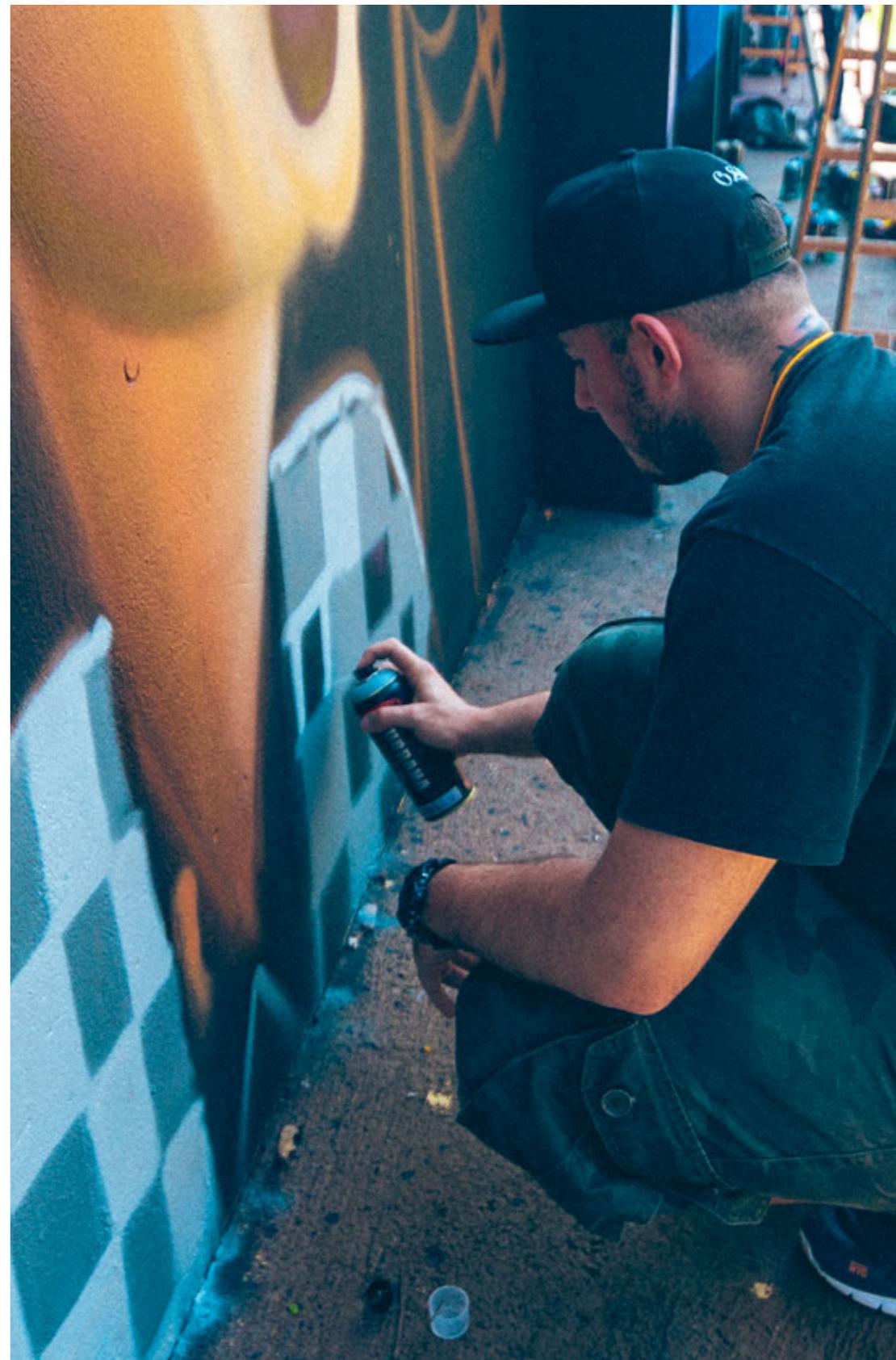
Hoje em dia, faço mais por prazer pessoal mesmo, não ligo para o que as pessoas vão achar.

Desde que começou, qual trampo foi mais marcante?

Acho que meu primeiro trampo na rua foi o mais marcante. Foi ali que vi a magia do graffiti.

Qual filme o marcou e que você gostaria de indicar.

Wild Style. Quando assisti esse filme, pirei em ver como os caras pintavam os trens antigamente.



RENE MEYRING

Em um mundo tão competitivo e corrido, onde muitas pessoas não têm tempo e tudo é feito para ontem, fazer com que as pessoas desacelerem e reflitam sobre algo é o objetivo dos graffiti realizados por Rene, que também acredita que todos nós precisamos da arte, pois sem ela o mundo seria uma chatice. Morador de Maringá, Rene também é ilustrador e faz 10 anos que pintou seu primeiro muro. Diferente do trabalho formal, o artista diz que grafitar na rua é um momento libertador, pois existe a liberdade de expressão, sem se preocupar com cliente.

Qual é a sua idade?

35 anos.

Qual é a sua formação acadêmica?

Sou formado em Artes Visuais e também sou técnico em Cinema.

Qual é o seu estilo artístico?

Meu estilo é figurativo com HQs, misturado com Pop Art.

Quais são suas influências?

Minhas influências são a Pop Art Expressionismo e um pouco de surrealismo. Também me inspiro nos grandes mestres do Renascimento, principalmente, Michelangelo e Boticelli.

Quais são as suas maiores motivações para criar seu trabalho?

Primeiramente, minha maior motivação é me expressar, depois acredito que meu graffiti pode contribuir com o universo, pois deixando os ambientes mais coloridos e cheios de vida, crio uma onda de alegria por meio das cores que faz com que pessoas vibrem em positividade.

Quais ferramentas você utiliza para produzir o seu trabalho?

Utilizo spray e, às vezes, um pouco de látex. Também tento experimentar objetos com textura.

Desde que começou, qual trampo foi mais marcante?

Nem foi pelo trabalho, mas foi o que foi provocado em uma criança usuária de crack. Consegui prender sua atenção durante três horas. O menino ficou tão fascinado com a arte que não deu ouvidos para seus amigos que o chamavam para usar a droga. Ele ficou me vendo fazer o graffiti até o final. Foi neste dia que entendi que eu tinha uma importante arma nas mãos que poderia ajudar na mudança do mundo.

Já sofreu algum preconceito desde que entrou neste mundo da arte de rua?

Não, preconceito não, pelo contrário, o graffiti me abriu muitas portas e me proporcionou oportunidades que, talvez, pintura em tela nunca me proporcionaria.

Indique um livro e um filme que te marcou e conte um pouco sobre o motivo de ter sido tão marcante.

Eu gosto muito de ler. O livro que mudou a minha forma de pensar e me ajudou a ser uma pessoa melhor foi *O Segredo*, de Ronda Byrne. Este livro fala sobre espiritualidade, lei da atração e física quântica. O filme que me marcou foi uma animação chamada *A Viagem de Chihiro*.

Você acredita que a cena do graffiti de Maringá cresceu nos últimos anos?

Sim, acredito muito e sempre apostei nisso.

Qual é a maior barreira para o crescimento da cena do graffiti em Maringá?

Incentivos financeiros para mais projetos tanto de formação como de exposição.

Na sua opinião, qual é a importância deste encontro para a sociedade maringaense?

Eu acho que é um momento em que a sociedade pode conhecer e debater um pouco mais sobre o graffiti e entender essa arte, tirando referências diretamente da fonte.





O MENINO FICOU TÃO FASCINADO COM A ARTE QUE NÃO DEU OUVIDOS PARA SEUS AMIGOS QUE O CHAMAVAM PARA USAR A DROGA. ELE FICOU ME VENDO FAZER O GRAFFITI ATÉ O FINAL. FOI NESTE DIA QUE ENTENDI QUE EU TINHA UMA IMPORTANTE ARMA NAS MÃOS QUE PODERIA AJUDAR NA MUDANÇA DO MUNDO.



RIQUE SK

Henrique cria mundos imaginários e reflexivos com base em suas experiências cotidianas e insere seus personagens nestes ambientes. Seu objetivo é, por meio de sua arte, gerar emoções e transmitir valores que possam transformar, de alguma maneira, a vida de quem observa seus trabalhos.

Você é natural de qual cidade e onde reside atualmente?

Sou de Maringá - PR e, atualmente, moro na mesma cidade.

Qual é a sua idade?

Tenho 20 anos.

Como e há quanto tempo o graffiti entrou em sua vida?

Através do 1º Encontro de Graffiti de Maringá, que aconteceu no Colégio João de F. Pioli. Ali tive a oportunidade de grafitar pela primeira vez. Sou grafiteiro há 1 ano e 3 meses.

Qual é o seu estilo artístico?

Cartoon/Estilizado.

Quais são as suas maiores motivações para criar seu trabalho?

Minhas motivações são o movimento da rua, a cultura e muitos outros artistas.

Quais ferramentas você utiliza para produzir o seu trabalho?

Tinta e pigmentos, spray e marcadores.

Desde que começou, qual trampo foi mais marcante?

O mais recente, o Dragão (Shenlong), do Mangá Dragon Ball Z. Este trabalho foi um dos mais marcantes, pois durante a produção, muitas pessoas vieram até mim para me conhecer e me prestigiar.

Já sofreu algum preconceito desde que entrou neste mundo da arte de rua? Fale um pouco sobre isso.

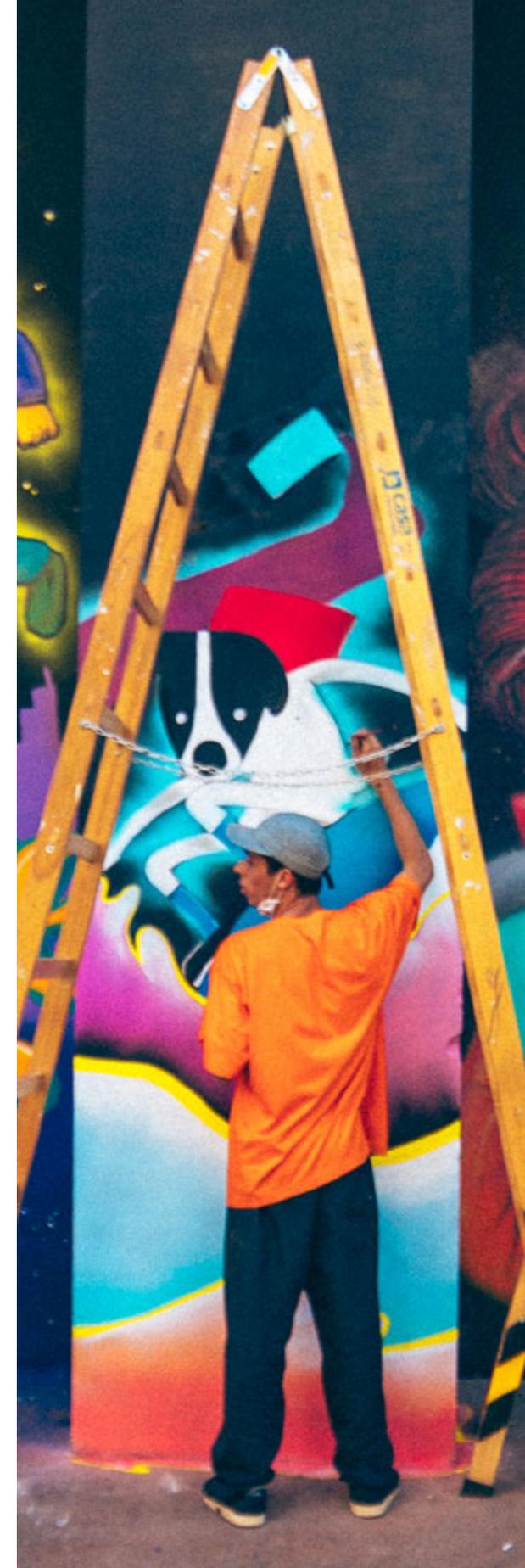
Até hoje nunca sofri nenhum preconceito, talvez eu ainda não tenha encontrado alguém que julgue meu trabalho de uma forma preconceituosa.

Indique um livro que te marcou e conte um pouco sobre o motivo de ter sido tão marcante.

Não tem nenhum livro que me foi marcante, apenas leio para absorver novos conhecimentos. As leituras que mais gosto é sobre psicologia/energia positiva e histórias em quadrinhos.

Na sua opinião, qual é a importância deste encontro para a sociedade maringaense?

Acredito que a importância deste encontro é gerar novos olhares.



SETH

Conheceu o graffiti em 1999, através do movimento hip-hop. Quando era moleque, frequentava eventos de break e, às vezes, durante as apresentações, aparecia algum grafiteiro para pintar enquanto os b.boys e b.girls dançavam. O fascínio em ver como alguém conseguia desenhar com spray o impressionou e, desde então, Seth tem lançado sua arte em diversos muros do país. Sem estilo definido, começou pintando letras "wildstyle" e por um tempo desenhou cartoons. Depois tentou fazer realismo e, conforme foi se desenvolvendo, incluiu também as técnicas que aprendeu na tatuagem.

Qual é a sua idade?

27 anos.

Você é natural de qual cidade e onde mora atualmente?

Sou curitibano, mas hoje moro em São Francisco do Sul - SC.

Quais são suas influências?

As primeiras influências foram de Curitiba. Vi os graffitis do Bolacha, do Veio e do Solventes Crew. Depois, por meio de revistas de graffiti e com a internet, conheci outros caras, o Does, Meignore, Shock, Binho, Nick, Anjo e PDF Crew. Quando comecei a pintar realismo, conheci outros artistas, como Belin e Ma'Claim Crew e deixei de usar só o graffiti como referência. Comecei a estudar outras referências, como aquarela, tatuagem, pintura digital e escultura.

Quais são as suas maiores motivações para criar seu trabalho?

Quando estou fazendo graffiti na rua, tento fazer o meu melhor, pois é um presente pra quem vê. Saber que todos terão acesso ao passar ali, que tem gente que curte, que admira, que absorve aquilo que você quer transmitir, não tem preço, é a melhor recompensa. Mesmo que você não mude a realidade das pessoas, pelo menos, consegue levar um pouco de cultura, arte e entretenimento a elas, principalmente a quem não tem acesso.

Quais ferramentas você utiliza para produzir o seu trabalho?

Na rua, uso spray e tinta látex. No estúdio, uso aquarela, lápis de cor, tinta acrílica, posca, giz pastel, entre outros.

Qual a importância de expor seus trabalhos na rua? Qual público pretende atingir?

A importância é o acesso para todos, é conseguir expressar suas ideias para quem está vendo, para quem gosta e não gosta. É você se apresentar pra cidade e fazer parte dela.

Qual tipo de reflexão você deseja gerar nas pessoas por meio da sua arte?

Depende do momento e do ambiente. Tento expressar o que sinto. Quero que o trampo traga reflexão para fazer as pessoas repensarem sua realidade.

Desde que começou, qual trampo foi mais marcante?

Tive vários, mas teve um evento em Ponta Grossa que me fez dar mais importância ao graffiti. Estávamos pintando e, do outro lado da rua, tinha uma menina com paralisia que ficou durante os dois dias acompanhando a pintura. No último dia, a sua família nos convidou pra almoçar e contou que ela adorou o graffiti. Fizemos um graffiti de presente na casa dela.

Já sofreu algum preconceito desde que entrou neste mundo da arte de rua?

Fale um pouco sobre isso.

Já, sempre. Por polícia, moradores, pessoas que passam na rua e criticam. Passei por uma situação em minha primeira exposição. Quando cheguei, todos me olharam torto por conta das roupas largas e, só depois que fui apresentado como artista, vieram falar comigo e me elogiar.

Indique um livro que te marcou e conte um pouco sobre o motivo de ter sido tão marcante.

O Alquimista, do Paulo Coelho. Pois ele fala que pra conseguir o que você quer, tem que se entregar, dedicar seu tempo e viver pelo que te motiva. Tem que manter o foco e seguir firme, mesmo com as dificuldades que aparecem.

Houve alguma situação em que alguma pessoa veio te contar sobre o impacto que sua obra teve na vida dela?

Já aconteceu de me contarem que meu trabalho motiva e inspira outros artistas, de outros segmentos da arte. E mesmo alunos que tive usam meu trampo como referência até hoje.



Na sua opinião, qual é a importância deste encontro para a sociedade maringaense?

A importância é o acesso à arte, e que ela faça parte da vida cotidiana. Geralmente, quem critica é quem não consome a arte, não lê, não vai a museus, não visita exposições, não vai ao teatro ou até mesmo ao cinema. O graffiti é marginalizado, por conta do uso do *spray*, mas quando a pessoa acompanha o processo de criação do desenho, ela vai desconstruindo essa visão negativa. Ela percebe que graffiti é arte, é a forma da arte se mostrar nas ruas.



ZION

Natural de Apucarana, Zion interessou-se pela arte de rua desde os tempos de moleque, quando se deparava com várias letras de pixo pela cidade. Curioso e fascinado pelo que via nas paredes, pontes e portas, ao analisar cada detalhe da grafia urbana, conheceu o graffiti. Desde então, por influência dos amigos, começou a pintar. Atualmente, Zion está com 34 anos, e sua maior motivação é criar trabalhos que proponham algo diferente, que não seja mais do mesmo. Os escritores do graffiti nacional são artistas que o inspiram e o influenciam na evolução e desenvolvimento de sua arte.

Qual é o seu estilo artístico?

Ainda não tenho um estilo definido, permaneço estudando.

Quais ferramentas você utiliza para produzir o seu trabalho?

Utilizo spray, basicamente.

Qual a importância de expor seus trabalhos na rua? Qual público pretende atingir?

Eu gosto de pintar na rua. A importância é levar cultura para a população, para que de alguma maneira isso traga uma melhoria ao ambiente social, com mais respeito e dignidade. Acredito que o graffiti tem o poder de gerar isso nas pessoas, tanto aos que têm interesse, como aos que não têm.

Em geral, qual tipo de reflexão você deseja gerar nas pessoas por meio da sua arte?

Que gerem, em si mesmas, uma opinião própria sobre algo, que se divirtam e sorriam ao ver meu trabalho, e que isso realmente faça uma diferença.

Desde que começou, qual trampo foi mais marcante?

Cada trabalho tem uma extrema importância para mim, em cada fase da minha vida. Mas citando um deles, pintei uma criança fazendo gesto de silêncio em uma cidade onde não vi nenhum graffiti. Foi bem chocante, muitas pessoas fizeram fotos e comentaram sobre a arte. Foi uma experiência boa.

Já sofreu algum preconceito desde que entrou neste mundo da arte de rua?

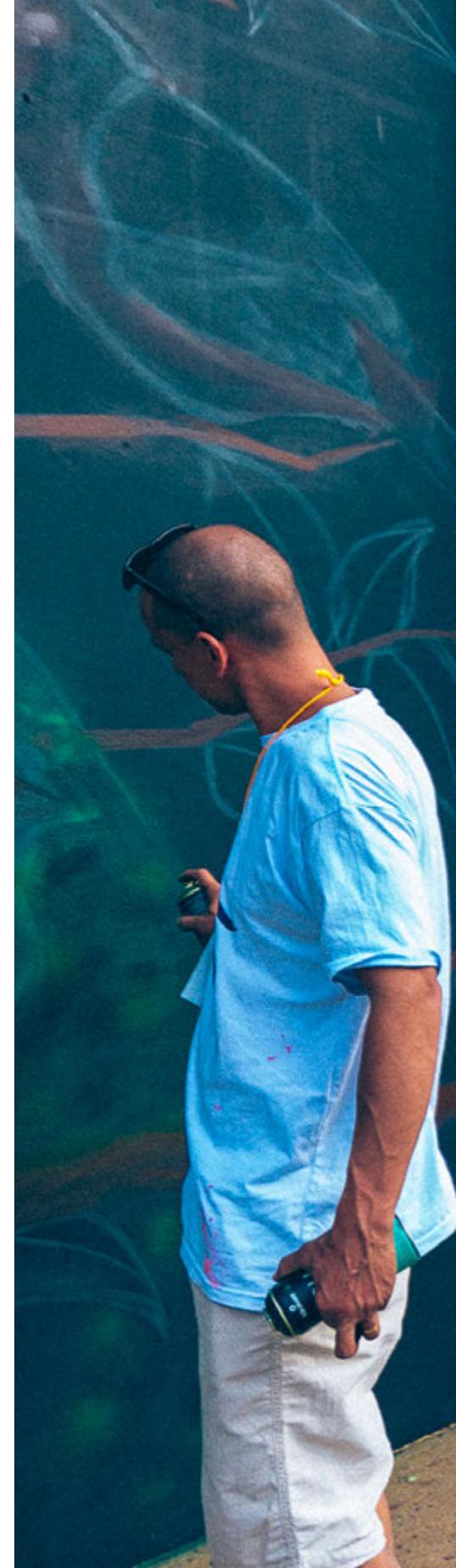
Sim, claro. Acho que não existe um grafiteiro que não tenha uma experiência negativa quando está pintando na rua. Já sofri várias abordagens policiais. Teve uma vez que fui convidado para um encontro de graffiti em uma certa cidade, eu e vários amigos estávamos pintando e um morador reclamou que ia ter que ver aquilo (os trabalhos de graffiti) todos os dias. Dei um sorriso e lhe disse que temos que conviver com as diferenças.

Indique um livro e um filme que te marcou e conte um pouco o motivo de ter sido tão marcante.

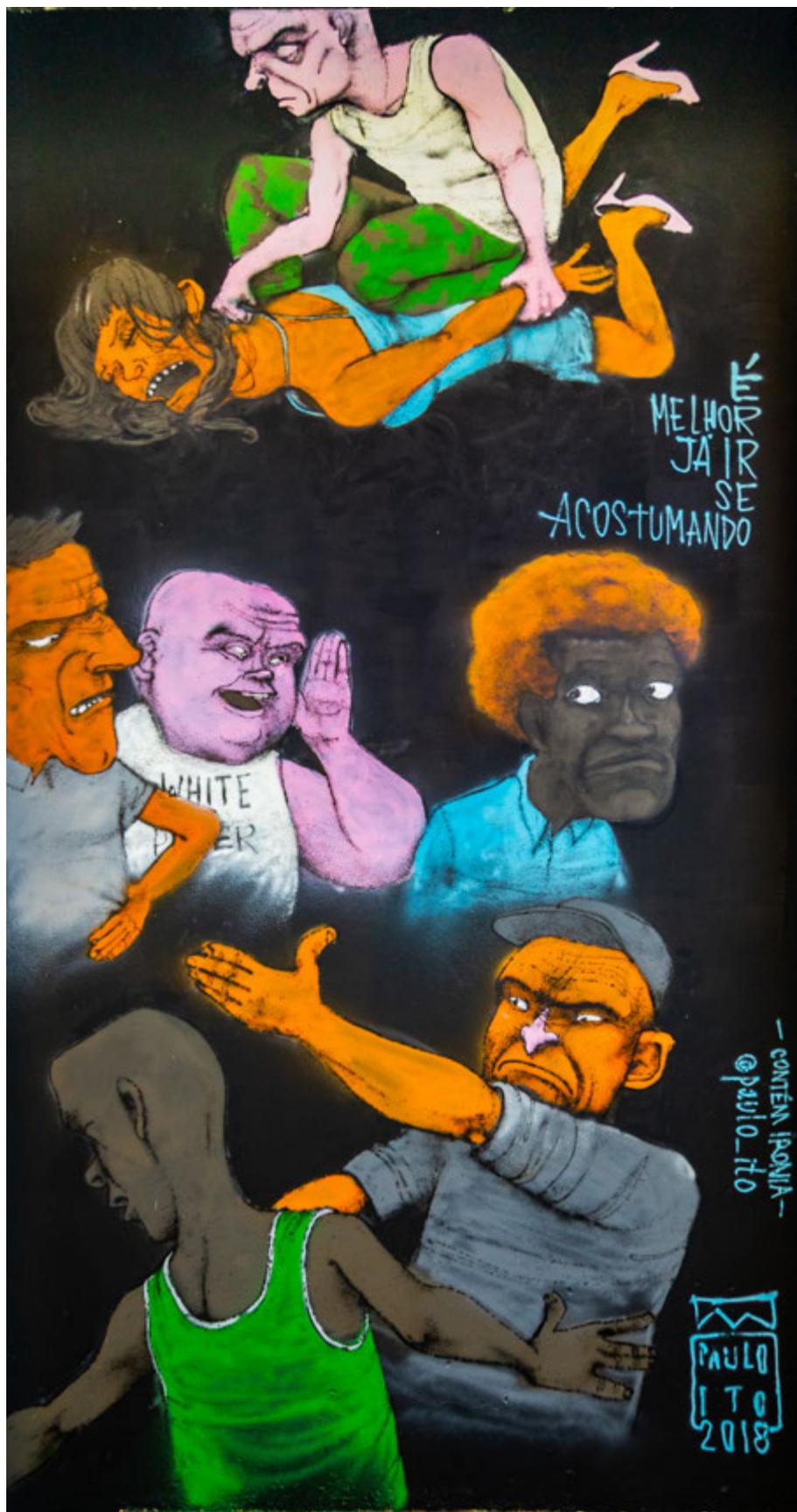
Assisti a um documentário chamado PIXO que me marcou bastante. Quando um dos entrevistados disse que uma pessoa enfia a tinta no c* e peida na tela e mesmo assim se gaba de artista, aquilo me fez pensar sobre eu me considerar um artista.

Na sua opinião, qual é a importância deste encontro para a sociedade maringense?

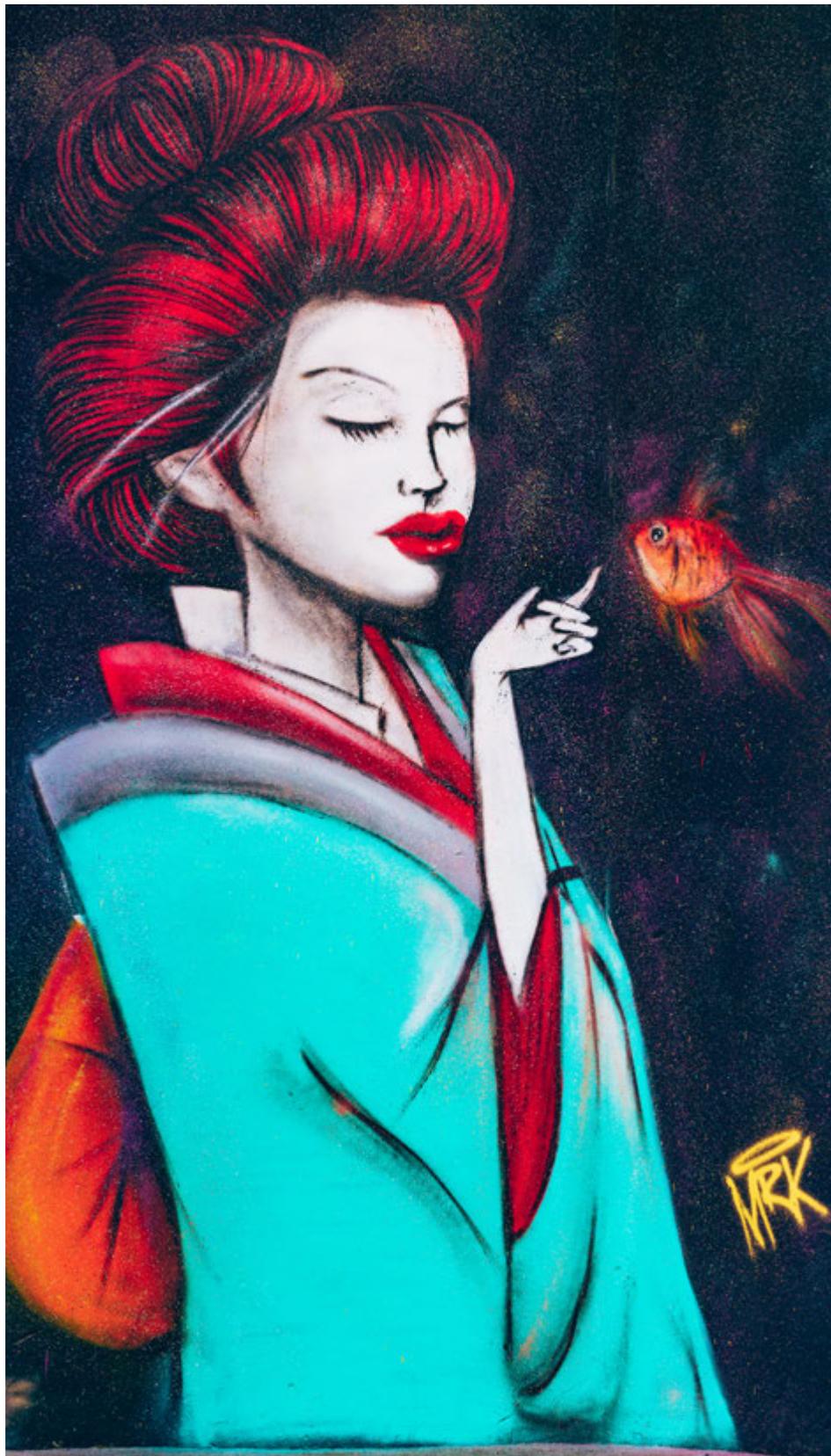
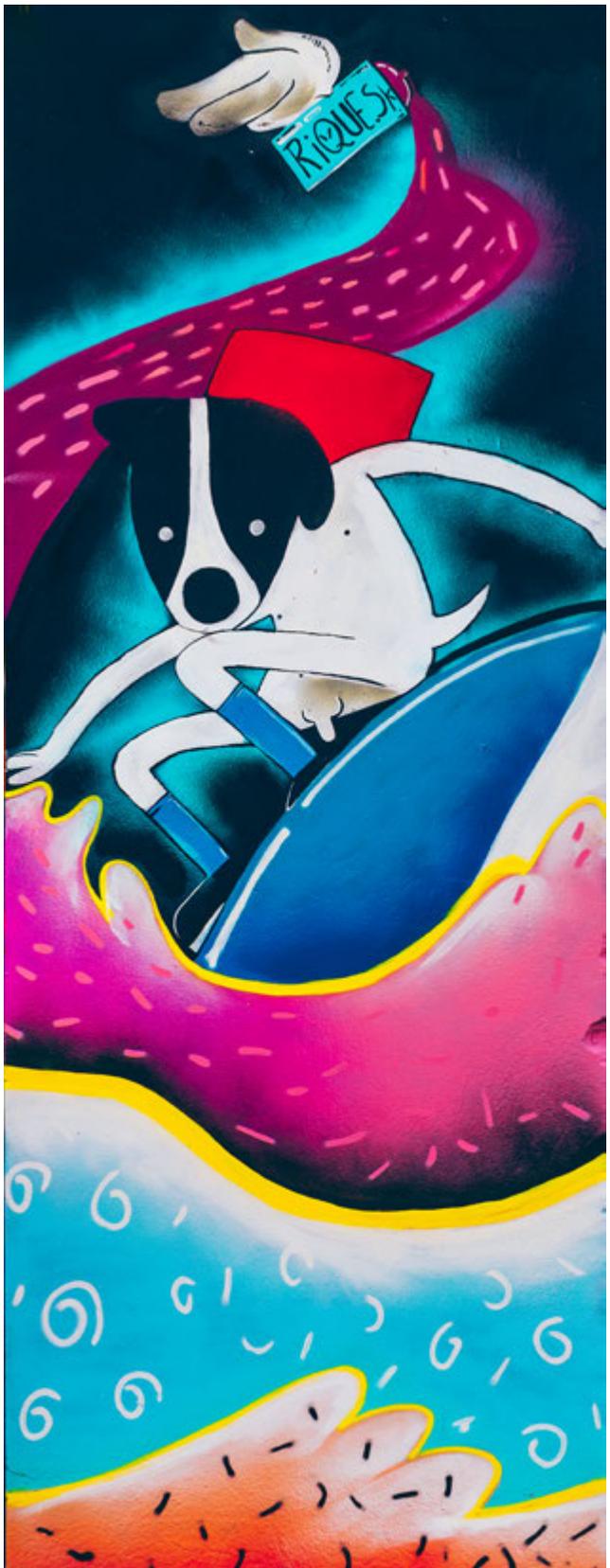
Vivemos em meio a milhares de pessoas, cada um com um pensamento, um mundo diferente dentro de si, e outras milhares de pessoas vazias, sem motivação nenhuma e sem interesse em si mesmos. Creio que o graffiti, por meio desse evento, pode ser uma ferramenta de transformação natural.

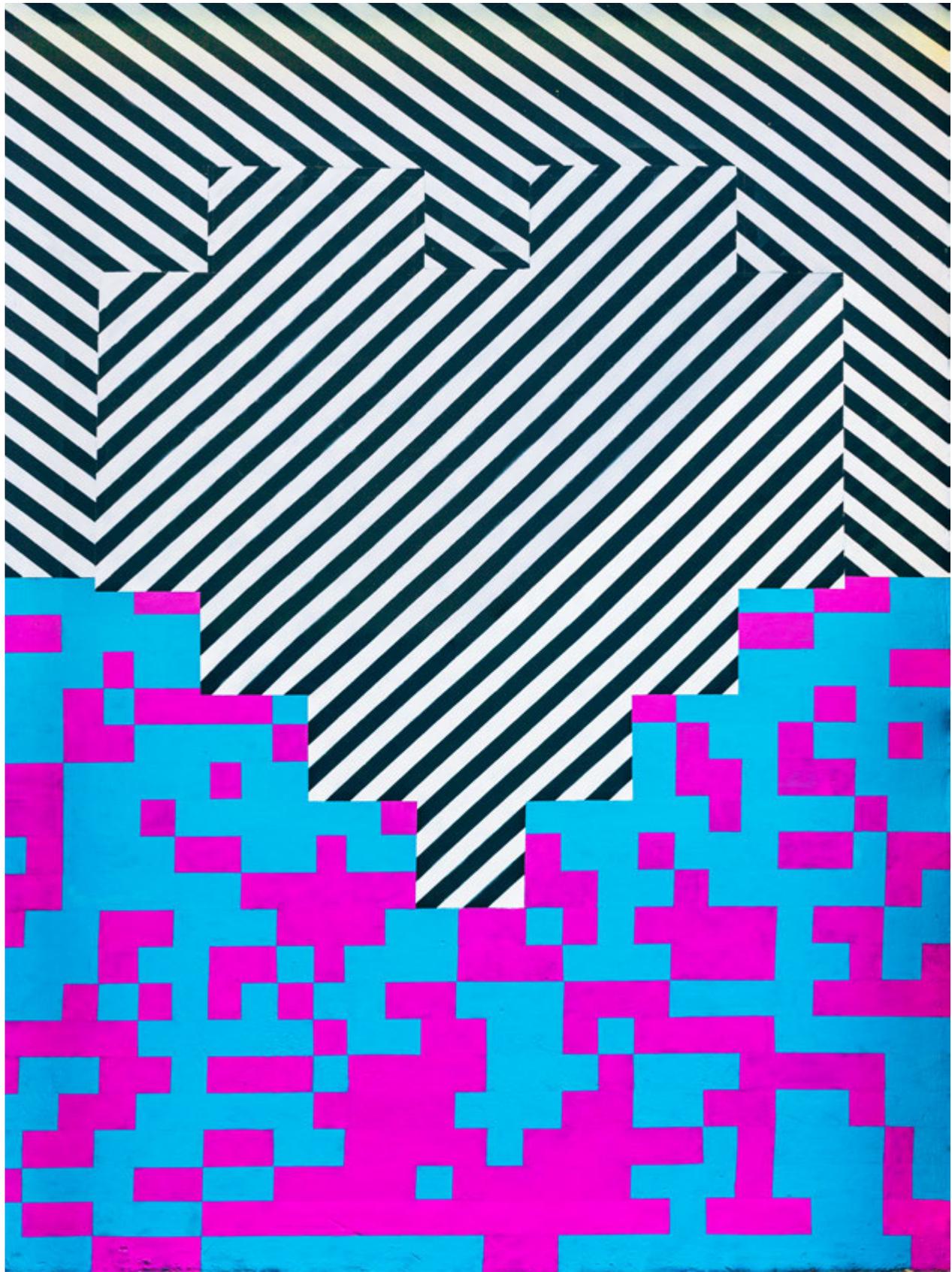


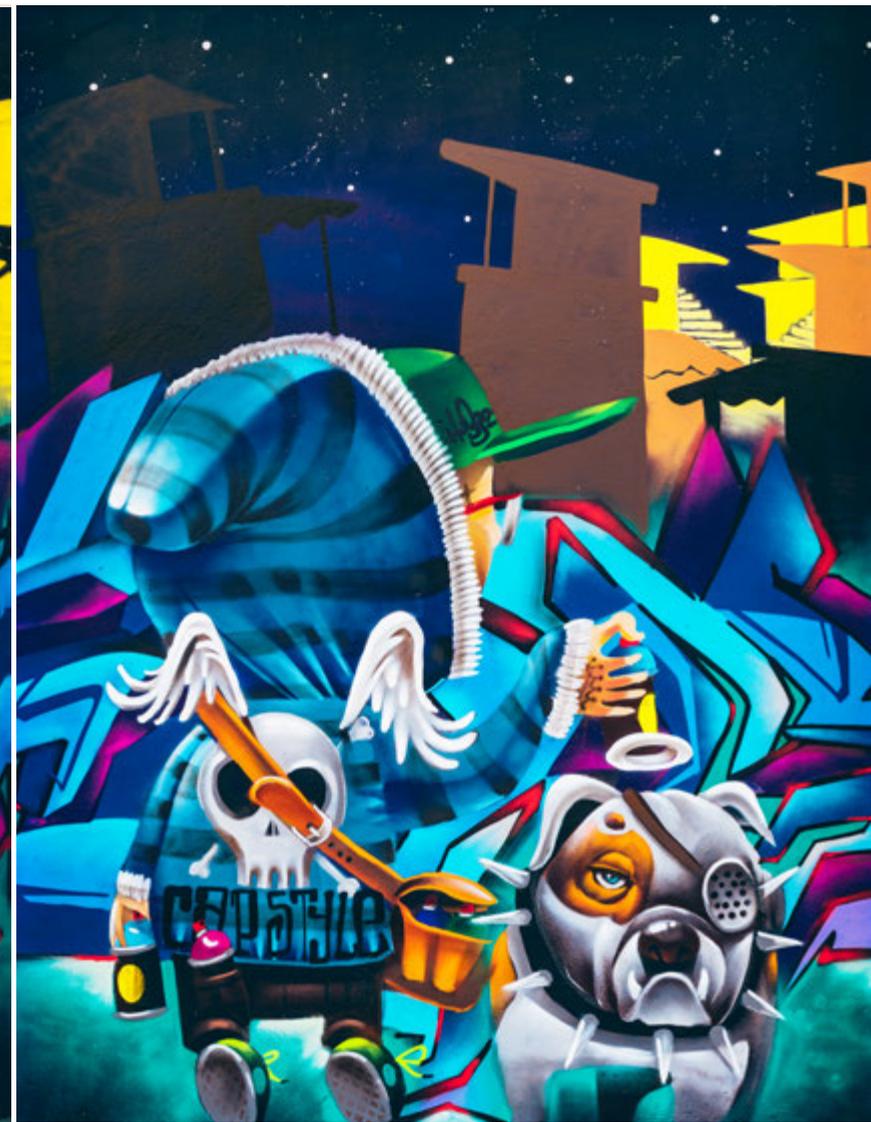
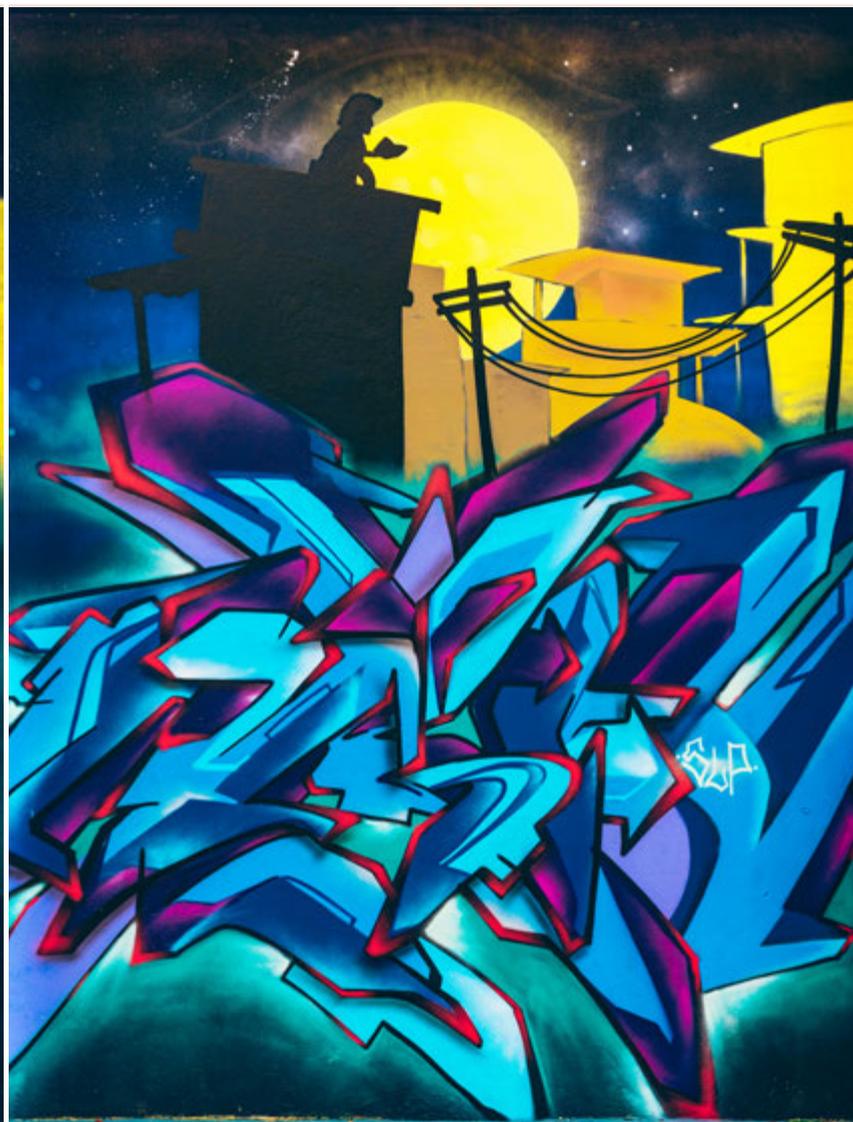
GALERIA







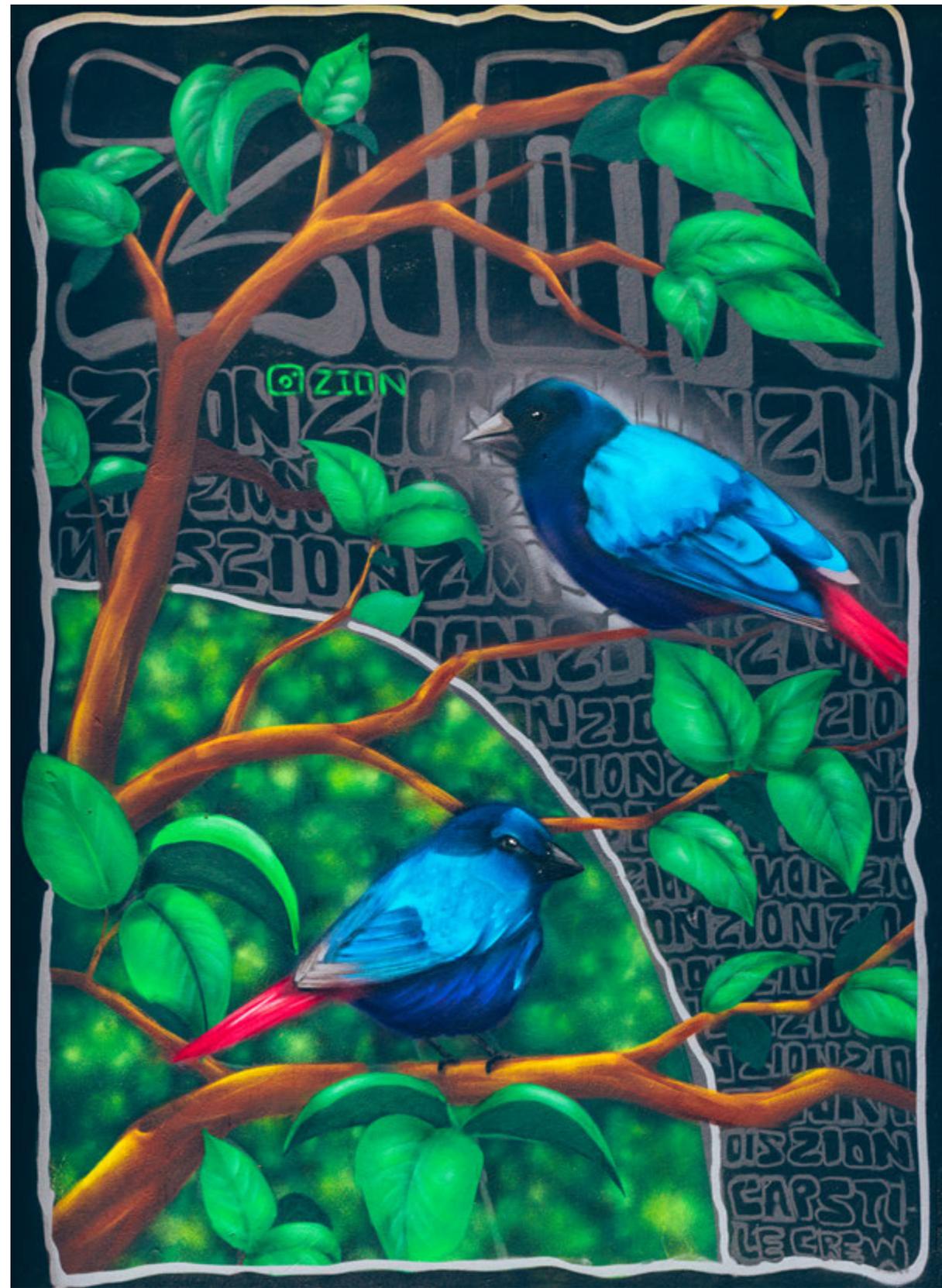














Obrigado!



II ENCONTRO DE
GRAFFITI DE
MARINGÁ

